

# Do Acolhimento à Transformação

A Jornada dos Bolsistas no  
Programa de Educação Tutorial

"Da Extensão que acolhe,  
Pesquisa que transforma e  
Ensino que liberta"

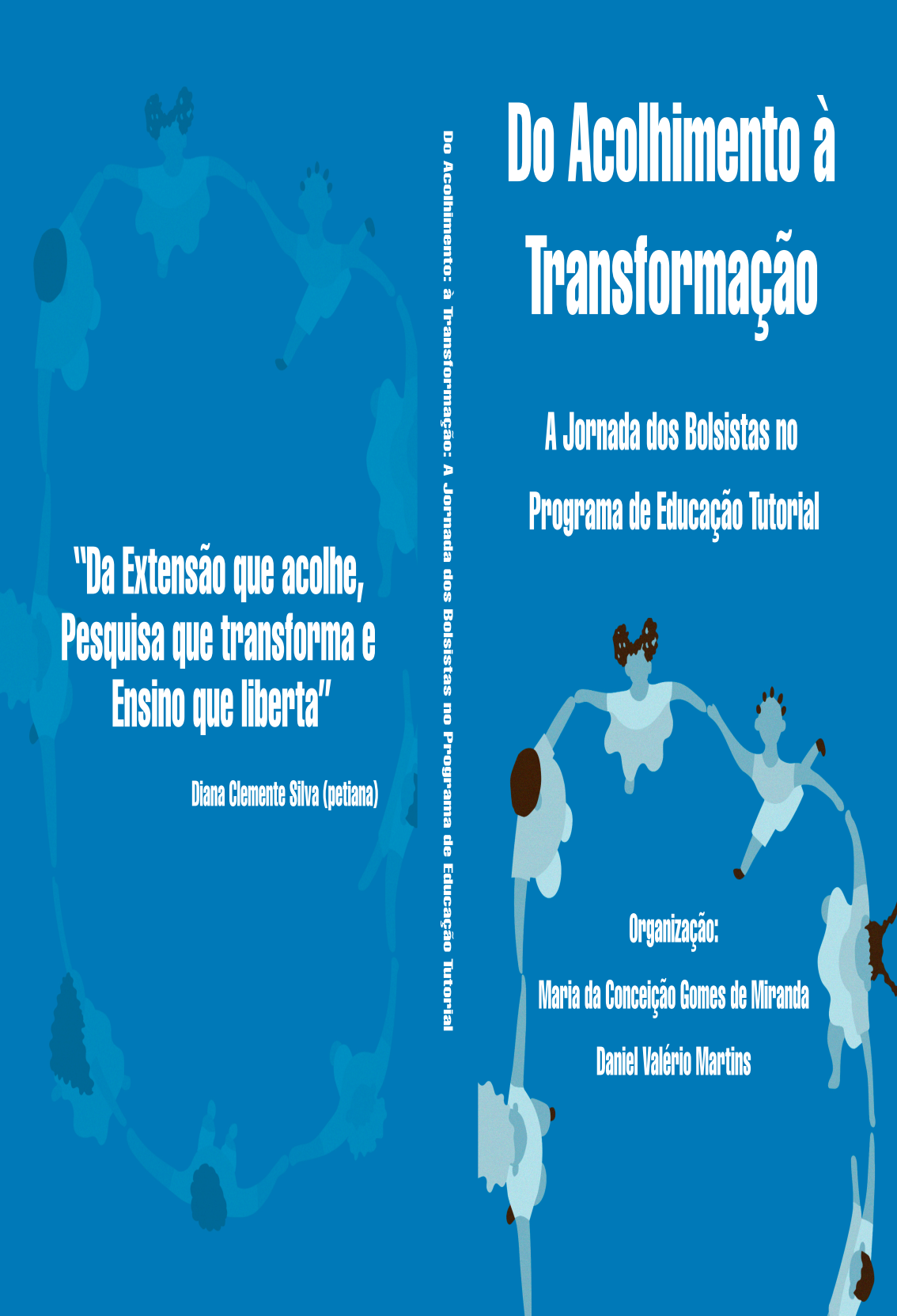
Diana Clemente Silva (petiana)

Do Acolhimento: à Transformação: A Jornada dos Bolsistas no Programa de Educação Tutorial

Organização:

Maria da Conceição Gomes de Miranda

Daniel Valério Martins





UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
REITORA: TEREZINHA DOMICIANO DANTAS MARTINS  
VICE-REITORA: MÔNICA NÓBREGA



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA  
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA



EDITOR  
Dr Ulisses Carvalho Silva  
CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO  
Dr Ulisses Carvalho Silva  
Carlos José Cartaxo  
Magno Alexon Bezerra Seabra  
José Francisco de Melo Neto  
José David Campos Fernandes  
Marcílio Fagner Onofre  
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL  
Paulo Vieira  
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
COORDENADOR  
Pedro Nunes Filho

DOI 10.5281/zenodo.17829279

Revisão Ortográfica: Cristiane Marinho da Costa

Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

M672d

Miranda, Maria da Conceição Gomes de

Do acolhimento à transformação : a jornada dos bolsistas  
no Programa de Educação Tutorial [recurso eletrônico] /  
Maria da Conceição Gomes de Miranda, Daniel Valério  
Martins. – João Pessoa : Editora do CCTA, 2025.

Recurso digital (1,4 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-594-5

1. Ensino superior - Jovens. 2. Protagonismo juvenil -  
Periferias Urbanas - João Pessoa(PB). 3. Programa de  
Educação Tutorial. 4. Extensão – UFPB. I. Martins, Daniel  
Valério. II. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU:37 -053.6

Elaborada por: Cleyciane Cássia Moreira Pereira CRB 15/591

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.17829279>

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	4
Prologando e Prefaciando.....	5
Alexandre Magno Tavares da Silva	
CAPÍTULO 1- Nicolle Klinst Lay Moreira Simões.....	22
CAPÍTULO 2- Maria Gabrielle da Silva.....	32
CAPÍTULO 3-Glacyany Geysa da Silva.....	44
CAPÍTULO 4- Rute Cristiane Venancio Neves.....	55
CAPÍTULO 5- Ana Luísa Gonzaga Ferreira.....	66
CAPÍTULO 6-Michele Martins da Costa.....	80
CAPÍTULO 7-Thais Batista Sales Silva Melo.....	90
CAPÍTULO 8- Camila Cavalcanti Vilela.....	101
CAPÍTULO 9- Diana Clemente Silva.....	110
CAPÍTULO 10- Leanderson Antonio da Silva.....	119
CAPÍTULO 11- Daniel Matheus Silva de Souza Araújo.....	128
POSFÁCIO Isabel Marinho da Costa.....	138
Sobre os Organizadores.....	141

## APRESENTAÇÃO

Este livro, intitulado “Do Acolhimento à Transformação: A Jornada dos Bolsistas no Programa de Educação Tutorial”, nasce da vivência, da escuta e da força coletiva de jovens estudantes que integram o grupo \*Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas\* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Composto por 11 relatos autorais, o livro convida o leitor a adentrar um espaço de memória, reflexão e criação, onde a trajetória acadêmica e pessoal se entrelaça com os desafios e conquistas da vida universitária.

A construção desta obra teve início com uma dinâmica de grupo baseada em fotografias dos próprios autores, em que foram compartilhadas histórias de vida que atravessam o cotidiano, os territórios e os afetos que moldam suas identidades. A partir desse momento de troca, cada bolsista foi convidado a narrar suas experiências com o ensino, a pesquisa e a extensão no âmbito do PET, refletindo sobre os obstáculos enfrentados, as vitórias alcançadas e as possibilidades futuras para o fortalecimento dessas práticas.

Mais do que um compilado de atividades, este livro é um testemunho do protagonismo juvenil em ação. Os relatos revelam não só o desenvolvimento acadêmico, mas também o impacto transformador que a vivência no PET promove nas periferias urbanas, reafirmando o lugar da juventude como sujeito ativo na produção de saberes e na construção de um ensino superior mais justo, inclusivo e conectado com a realidade social brasileira.

Convidamos você a mergulhar nessas páginas com o coração aberto para aprender, se emocionar e, quem sabe, inspirar novos caminhos.

**Os Organizadores**

# PROLOGANDO E PREFACIANDO

Alexandre Magno Tavares da Silva

**D**o Acolhimento à Transformação: A Jornada dos Bolsistas no Programa de Educação Tutorial. Um título ao mesmo tempo empapado de amorosidades e provocações. O acolher e o transformar, são ações apenas possíveis quando são inspiradas na cumplicidade do encontro entre pessoas. Ou seja, quando há um engajamento fruto de uma andadrihagem sociopolítico-pedagógica junto a meninada em situação de exclusão social.

Como bem-dita foi na apresentação, esta obra é fruto do compartilhar de histórias de vida, dos saberes de experiências tecidos na atividade extensionista no âmbito do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas da Universidade Federal da Paraíba. Um espaço de partilha de saberes e ensaio de alternativas, no que se refere ao fortalecimento do protagonismo tanto da meninada, quando dos/das estudantes extensionistas. Um protagonismo que toma a Periferia e a Universidade tanto como espaços de uma cumplicidade no transformar a realidade bem como de um ampliar da “Pedagogia do Oprimido”, rascunhada e escrita pelo conterrâneo professor Paulo Freire no final da década de 1960.

Sendo um projeto extensionista, ele é uma resposta ao grito de milhares de meninas e meninos que antes da promulgação dos estatutos das crianças e dos adolescentes já invadiam as ruas em um grito esperançoso *“To aqui tá vendo não!?”*

A década de 1980 foi marcada por um redemoinho de transformações políticas, culturais e sociais no Brasil. Era o tempo em que o país buscava reconstruir-se através da redemocratização, abrindo caminhos para novos modos de ser e pensar a sociedade. O lançamento do filme *Pixote* e da canção *O Meu Guri*,

em 1981, o documentário Crianças abandonadas em 1989 expressavam as vozes até então silenciadas da infância marginalizada e de centenas de educadoras e educadores sociais.

Em meio a essa efervescência, surgiam movimentos de resistência, como a Pastoral do Menor em 1984, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, criado em 1985, debates que culminaram na Constituição de 1988 — símbolo de uma nação que retomava o direito à palavra e ao diálogo. Até mesmo a Campanha da Fraternidade de 1987, ao tratar do “menor abandonado”, revelava a urgência de humanizar os olhares sobre as infâncias.

Era um período de conscientização coletiva, em que diferentes grupos sociais, vindos de múltiplas ideologias, se uniam pela vontade de pensar a prática e transformar o país através de uma práxis libertadora tanto nos espaços não escolares como nos escolares

Nesse tempo de reconfiguração social, o Brasil, sobretudo com as ações da sociedade civil organizada, começou a rever profundamente suas estruturas políticas e econômicas, e, com isso, a ressignificar também o lugar da infância no espaço social. Em vez de reduzir crianças e adolescentes a objetos de controle, nasceu o entendimento freireano de que eles são sujeitos de direitos e de história — seres inacabados, em constante formação e capazes de reflexão e ação transformadora.

A infância pobre, marginalizada e excluída, antes invisibilizada, tornou-se tema de consciência social e política. O surgimento de movimentos, grupos e entidades em defesa da infância expressou um processo de conscientização coletiva, em que o diálogo e a escuta tornaram-se atos políticos e pedagógicos. Inspirada pelo espírito da Educação Popular de matriz freireana, essa nova visão buscava transformar a realidade pela ação refletida, pela partilha de saberes e pela coragem de sonhar um Brasil mais justo, onde

cada criança pudesse ser autora de sua própria história. Isso me faz lembrar uma frase de uma menina de rua de Minas Gerais que em um encontro de educadoras e educadoras sociais dizia “*Não é o caminho que me faz, eu é que faço o caminho*”.

A presente coletânea é fruto da atuação de estudantes universitários do PET Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas junto as Casas de Acolhimento na cidade de Joao Pessoa. Estas são espaços educativos e sociais voltados para as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

As Casas são territórios pedagógicos onde se desenvolvem ações de mediação, escuta ativa, e práticas socioeducativas inspiradas em uma perspectiva crítica e libertadora – muito próxima do pensamento do professor Paulo Freire que nos anos de 1980, 1990 e 2000 balizou os processos teórico e metodológicos dos projetos sociais de atendimento a crianças e adolescentes em todo o Brasil.

De forma breve, é possível pontuar a finalidade das Casas de Acolhimento no PET Conexões de Saberes nos seguintes aspectos:

- **Acolher crianças e adolescentes** afastados de seus núcleos familiares por medidas protetivas.
- **Promover atividades educativas** que respeitam os tempos, saberes e subjetividades dos acolhidos.
- **Desenvolver ações de extensão universitária**, aproximando estudantes da realidade social e estimulando o protagonismo juvenil.
- **Reconfigurar o papel da universidade** como agente transformador em territórios periféricos.

Procurando destacar alguns impactos do Programa PET Conexões de Saberes nas Casas de Acolhimento, estes vão muito além da dimensão acadêmica: eles inspiram o cuidado com o ou-

tro, redesenham trajetórias e provocam mudanças estruturais no modo de sentir, pensar e agir em torno da educação em contextos de vulnerabilidade.

- Mediação pedagógica humanizada
- Superação do fracasso escolar
- Formação do protagonismo juvenil
- Transformação na formação acadêmica
- Produção de conhecimento a partir da experiência

Em seus primeiros momentos o PET Conexões de Saberes foi instituído oficialmente por meio da Portaria MEC nº 01 do ano de 2006. Ele tem a proposta de articular saberes acadêmicos e populares, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Ele foi criado com o objetivo de valorizar o protagonismo de estudantes universitários beneficiários de ações afirmativas. Enquanto objetivos principais temos: ampliar a troca de saberes, fortalecer a inclusão social, formar estudantes críticos e comprometidos, desenvolver ações de extensão e pesquisa.

E é dentro deste cenário que os/as estudantes partilharam as suas experiências sobretudo em rodas de diálogo e agora, em forma de relatos de experiência. Cada uma, cada um no tecimento de seus retalhos deram corpo a esta significativa criação onde a Leitura do Mundo é uma vivência intensamente presente nos textos escritos. Escrevivências, como diz a escritora Conceição Evaristo.

Cada texto representa múltiplos olhares com os quais podemos tecer diálogos que podem vir a fortalecer nossas lutas diárias pela dignidade humana sejam elas no espaço familiar, comunitário, escolar, acadêmico, profissional etc.

Ofereço este prólogo e prefácio como fruto do doce instante de leitura dos relatos e gostaria de destacar sobretudo algumas expressões dos/as estudantes participantes do projeto. Nas falas são reveladas parte da leitura de mundo tecida pelos/



as jovens em cuja trajetória acadêmica, o PET representa uma significativa contribuição no sentir, pensar e agir acadêmico sobretudo quando, pelos/as petianos/as, as crianças, adolescentes e jovens são protagonistas de um novo projeto de sociedade que concebe esses atores sociais enquanto Gentes e não enquanto Coisas. As ações tecidas pelos/as jovens estudantes podem ser concebidas enquanto um exercício no romper a coisificação e lutar pela gentrificação desses atores sociais.

**NICOLLE** – compartilha sua trajetória de amadurecimento pessoal e profissional por meio das oficinas realizadas na Casa de Acolhimento. Ela destaca a importância da inseparabilidade entre extensão, pesquisa e ensino, e como esse tripé se manifesta na prática com a Meninada. A aproximação com esses atores sociais foi delicada e sensível, como ela mesma descreve: *“como quem anda descalça em uma mata desconhecida, com muito cuidado e observando tudo [...] graças a minha pequena criança observadora pude entender como eu estabeleceria essa relação [...]”*

Ao longo das mediações, Nicolle percebeu sua facilidade de comunicação com crianças:

*“[...] a cada mediação eu ia conhecendo seus gostos e seus limites, assim como os meus, acabei me descobrindo bem paciente e com uma comunicação extremamente fácil para crianças. Me interessei cada vez mais pela educação de crianças e revivi um sonho da adolescência: ser professora dos primeiros anos escolares.”*

Ela relata o desafio inicial de integrar os conteúdos de Ciências Sociais ao programa, sendo a única representante de seu curso: *“No início do programa confesso que tive certa dificuldade como poderia encaixar o conteúdo de Ciências Sociais nas ações do programa, considerando ser a única do meu curso.”* Com o tempo, a partir do seu texto, passou a compreender as Casas como espa-

ços de produção de subjetividades, o que a aproximou do tema das relações étnico-raciais.

Por fim, Nicolle revela uma transformação profunda em sua identidade acadêmica e profissional, marcada pelo conceito de Ubuntu: *“Não sou mais a mesma Nicolle perdida na Universidade de 2023, mesmo com todos os percalços da vida, eu sei o que quero em relação ao meu estudo e profissão. E essa foi uma descoberta dentro do projeto, foi toda uma rede de trocas, de conversas, desabafos para que eu pudesse afirmar isso. E nós somos quem somos por conta de todos e tudo que nos entornam, às vezes não é fácil, mas eu tenho o que agradecer”*.

**MARIA GABRIELLE** – A atuação na *Oficina de Leitura Criativa*, com a produção de um pequeno livro a partir das histórias das próprias crianças, e a participação no *Encontro Nordestino dos Grupos de Educação Tutorial (ENEPET)* foram marcos importantes da trajetória da Maria. Como ela mesma relata:

*“Essa experiência foi crucial para compartilhar boas práticas, inspirar outras iniciativas e dar visibilidade ao impacto do programa. A interação com diferentes públicos, desde estudantes a gestores públicos, aprimorou minhas habilidades de comunicação e argumentação.”*

Desde 2022, sua jornada no PET tem sido descrita como *“um mosaico de experiências, onde as dificuldades e os êxitos se entrelaçam para formar um caminho de aprendizado contínuo.”* Ela reconhece os momentos de frustração, incerteza e questionamento, especialmente diante da complexidade dos projetos, da conciliação entre PET, vida acadêmica e pessoal, e da busca por soluções inovadoras.

Apesar dos desafios, há um significativo crescimento de si:

“Aprendi a lidar com a pressão, a trabalhar em equipe de forma mais eficaz e a valorizar a importância da comunicação clara e assertiva.”

**GLACYANY** – conheceu o PET no quarto período da graduação em Letras, por influência da irmã mais velha. Ela relata:

“Ouvi falar do PET pela primeira vez quando estava no quarto período da graduação de Letras, através da minha irmã mais velha. [...] era o meu primeiro ano presencial pois, devido à pandemia, as aulas iniciaram de maneira remota, sendo assim, não estava nem um pouco acostumada com a independência necessária para sobreviver à Universidade.”

Sua primeira visita à Casa de Acolhimento foi marcada por sensibilidade e escuta ativa:

“... percebia a carência, o receio e o carinho presentes em cada um dos acolhidos [...] tendo isso em vista, há diálogos constantes entre ambas as partes acerca de metodologias, temas e até mesmo, questões pessoais, tudo em prol do melhor desempenho possível.”

Durante o desenvolvimento do trabalho, ela destaca a riqueza das atividades interdisciplinares: pintura, desenho, escrita coletiva e brincadeiras corporais, que permitiram integrar literatura com outras formas de expressão artística.

A participação no Encontro Nacional dos Grupos de Educação Tutorial (ENAPET), realizado na UFRPE, foi especialmente significativa:

“O contato com a diversidade de programas e pessoas tornou a nova experiência ainda mais rica, até porque, além de conhecer novas pessoas, a viagem proporcionou uma maior aproximação dos meus colegas de projeto, impactando positivamente em nossas ações em equipe.”

Ela encerra o seu relato, com um desejo inspirador:

“Espero que cada vez mais graduandos possam ter o prazer de participar de projetos como esse, pois eles moldam caráter e expõem fatos sociais para os quais fechamos os olhos muitas das vezes.”

**RUTE** – Compartilha uma jornada marcada por desafios, descobertas e transformações pessoais e profissionais. Desde o início, ela se mostra comprometida com o crescimento de uma das educandas, a Lua:

“Oi tia Rute, eu sempre vou me lembrar de você e de tudo que fez para eu aprender a ler e escrever. Muito obrigada. Eu vou estudar e vou ser uma grande pessoa, porque você me ensinou tudo que eu sei.”

Nas andanças pedagógicas, os primeiros encontros revelaram histórias de vida e os desafios enfrentados pelos acolhidos:

“... os primeiros encontros foram marcados por curiosidade mútua e descobertas das histórias de vida dos outros novos integrantes que entraram no mesmo período e com o contato com os acolhidos a revelação dos desafios enfrentados pelas crianças e adolescentes acolhidos nas duas casas de acolhimento aqui em João Pessoa.”

As partilhas vividas nas atividades de extensão foram fundamentais para sua formação:

“... durante as atividades de extensão do PET foram um combustível para me guiar rumo ao encontro de uma rota segura e fértil, para auxiliá-los a construir seu próprio caminho, uma trajetória segura, saudável.” Ela também celebra os momentos de encantamento com a leitura e a imaginação: “Foi lindo descobrir junto o prazer de ler, a alegria em participar da brincadeira, de vê-los se transformarem em um personagem imaginário, que tem superpoderes e para alguns deles quem sabe, até ter uma família para cui-

dar, e acolher, que respeita e acima de tudo protege dos perigos e sofrimento.”

Por fim, Rute reconhece o impacto profundo do projeto em sua identidade:

“As experiências vividas no PET Conexões de Saberes– Protagonismo Juvenil, com certeza forjaram a profissional que sou, e me transformaram como ser humano, que se preocupa com os anseios de seus pares enquanto sujeitos de direito.”

**ANA LUÍSA** – A participação no projeto permitiu à estudante de Enfermagem desenvolver uma compreensão ampliada sobre o cuidado com crianças e adolescentes:

“Ser estudante da área da saúde, mais especificamente de Enfermagem, me levou a desenvolver uma visão mais holística acerca das ações com as crianças e adolescentes.”

No eixo de Higiene e Saúde, destaca-se a importância da educação como base para o autocuidado:

“A prática do autocuidado surge a partir do conhecimento, não há saúde sem educação, e essa prática de letramento em saúde deve vir a partir da base, só se pode questionar aquilo que se conhece, dessa forma, a falta de informação é um obstáculo direto ao aprendizado.”

A liberdade de escolha nas atividades é vista como um fator motivador:

“[...] permite um maior interesse por parte das crianças e adolescentes, sendo importante compartilhar o conhecimento com eles de forma lúdica e interessante.”

O papel transformador do PET é reconhecido:

“[...] possui uma grande importância social, as ações nas casas de acolhimento contribuem para a mudança de pers-

pectiva desses jovens cujos obstáculos surgiram muito cedo na vida, a educação em seus aspectos multidisciplinares pode mudar a realidade de muitos.”

**MICHELE** – Compartilha sua busca por autonomia e protagonismo a partir das experiências vividas no projeto. Nas oficinas, o foco foi na escuta ativa e na valorização das múltiplas formas de expressão dos acolhidos:

“Nas oficinas, deixamos os acolhidos expressarem seus pensamentos, hipóteses sobre o assunto e sentimentos. Prezamos pelas diferentes linguagens: fala, desenho e escrita, considerando que muitos acolhidos têm dificuldade em expressar-se abertamente.”

No campo da pesquisa, ela se dedicou ao estudo da atuação de pedagogos em casas de acolhimento, junto a colegas de pedagogia, letras e enfermagem:

“[...] Fiquei responsável, ao lado de colegas bolsistas de pedagogia, letras e enfermagem, pelo tema da atuação de pedagogos em casas de acolhimento. Essa produção, além de possibilitar o exercício mais aprofundado da escrita acadêmica, levantou a discussão sobre a escassez de material científico nas ciências humanas voltado para o estudo em instituições de acolhimento, e ainda mais, voltado para atuação do pedagogo nesses espaços”.

Sendo assim, ela reafirma o papel transformador da educação e do PET em sua formação:

“[...] Cada experiência vivida no PET reafirmou a convicção de que a educação é um caminho de transformação social. Educar vai além de repassar e revisar conteúdos: é acolher, escutar e acreditar na capacidade de cada sujeito de construir sua própria história”.

**THAIS** – Compartilha como o projeto permitiu desenvolver uma dimensão pessoal que antes considerava frágil: “[...]”

*Dentro do projeto, pude desenvolver um lado de mim que considerava fraco: a arte de ensinar”.*

Ao mediar conhecimentos com as educandas e educandos, ela vivenciou trocas profundas:

*“Cada criança e adolescente que encontrei carregava em si um mundo, um universo particular de dores, fragilidades e esperanças. E eu, ao tentar mediar o conhecimento, acabei também sendo mediada pela vida deles”.*

Nas descobertas pedagógicas, Thais revela a importância de conectar o conteúdo escolar aos interesses dos acolhidos:

*“[...] Para conquistar a atenção dos acolhidos, precisei me aproximar do que fazia sentido para eles. Recordo que essa mediada era apaixonada por uma série de ficção e romance; aproveitei esse interesse para propor a criação de uma charge com elementos da história, adaptando-a ao gênero que estava sendo trabalhado na escola. Dessa forma, trabalhamos juntas as dificuldades que ela tinha em Língua Portuguesa, mas sem perder de vista interesse pessoal”. Ela conclui: “Aprendi que a educação só floresce de verdade quando dialoga com a vida de quem aprende, caso contrário, vira peso, obrigação, rotina sem entusiasmo”.*

Sobre o sentido do projeto, Thais afirma:

*“Hoje, quando penso no projeto, vejo como ele é um dos maiores presentes que recebi na minha vida acadêmica. Ele me deu não apenas experiência profissional, mas também humanidade.” E reforça: “[...] a Universidade precisa olhar para esse projeto com a relevância que ele realmente possui. Mais do que artigos e trabalhos, ele é ação viva, concreta e transformadora”.*

**CAMILA** – Inicia sua caminhada marcada pela timidez e pela sensação de estar em um espaço novo e desafiador:

*“No início, confesso que me senti tímida, como quem chega a uma roda já formada e ainda não sabe bem onde sen-*

tar, mas logo fui me ajustando à rotina e percebendo que as minhas dificuldades não eram exclusivamente minhas”. Com o tempo, ela compreendeu que o projeto ia além do estudo: “A cada atividade, a cada reunião, fui entendendo que ali não se tratava apenas de estudar ou desenvolver projetos, mas de aprender a olhar para a educação de forma ampliada atravessada pelo cuidado, pela coletividade e, principalmente, pela partilha de experiências”.

Sua atuação em pesquisas como

“Atuação de pedagogos para a autonomia de crianças e adolescentes” e “Oficinas de educação em saúde para crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional” revelou o potencial de transformar prática em conhecimento: “Trabalhos que nasceram da prática e que, ao serem apresentados, mostraram a potência de transformar vivências em conhecimento compartilhado”.

Apesar da timidez, Camila viveu momentos marcantes de reconhecimento:

“Apesar da timidez, tive momentos onde a empolgação tomou conta e acho que fui reconhecida, visto que, ganhamos o prêmio de Iniciação à Docência. Foi marcante, nunca me esquecerei”.

Na convivência com as meninas acolhidas, ela fortaleceu sua identidade profissional:

“Naquele momento, compreendi ainda mais meu papel de futura enfermeira e petiana: estar presente, acolher, responder de maneira objetiva e responsável, oferecendo informações que pudessem libertar e fortalecer a autonomia”.

Durante o Projeto Vida, em visita à UFPB, ela destaca o sentido de pertencimento:

“O projeto busca fazer com que eles percebam que aquele espaço também pode ser deles. Mais do que uma visita,



trata-se de uma experiência de pertencimento.” E conclui com esperança: “E sei que, ao plantar essas sementes de conhecimento e humanidade, colherei um futuro em que a saúde e a educação caminham juntas, sempre voltadas para a vida”.

**DIANA** – Narra sua caminhada desde o Rio de Janeiro até a UFPB, marcada por resistência e sonho:

“Lá, entre os empregos de cuidadora, faxineira, manicure, e a violência das favelas, eu sentia o conhecimento ecoar dentro de mim como um chamado [...] Mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis, não abri mão do meu sonho [...] A faxineira havia decidido que seria enfermeira! [...] Inscrevi-me em oito projetos no Centro de Ciências da Saúde (CCS), sem sucesso [...]”.

O ponto de virada veio de forma simples e simbólica:

“O destino, no entanto, agiu em uma conversa de cozinha, enquanto preparava um ‘cuscuz com ovo’. Uma ex-petiana me contou sobre sua experiência e, naquele instante, uma porta se abriu em minha mente. Decidi, então, tentar o processo seletivo.”

Nas oficinas realizadas com o grupo da enfermagem, os temas abordados foram amplos e transformadores:

“Trabalhamos (eu e o grupo da enfermagem) temas cruciais, como higiene íntima, bucal e corporal, mas fomos além. Falamos sobre educação para não violência, sobre a coragem de buscar direitos, sobre como a organização do seu próprio espaço pode ser um primeiro passo para organizar a própria vida”.

Ela encerra com uma reflexão poética e convicta sobre o impacto da sua trajetória:

“[...] A jornada continua, mas agora sei, com toda a convicção, que cada ‘cuscuz com ovo’ compartilhado, cada

oficina ministrada, cada dado coletado para a pesquisa e cada lágrima enxugada foi um passo necessário. E que, no grande oceano da vida, nossa gota, insistente e amorosa, já provou ser capaz de criar ondas de transformação”.

**LEANDERSON** – Inicia seu relato destacando o sentimento de isolamento que marcou sua entrada na universidade:

“Minha trajetória até aqui tem sido marcada pela solidão acadêmica. Venho de uma família em que poucos se aventuraram na universidade, e isso fez com que eu me sentisse em um território novo, sem referências próximas.” Sua vivência acadêmica, inicialmente limitada às disciplinas obrigatórias, refletia essa distância: “Minha vivência acadêmica estava restrita às disciplinas obrigatórias do curso e, embora eu tivesse curiosidade, não sabia como me inserir nesses espaços que ampliam tanto a formação estudantil.”

A mediação com crianças e adolescentes revelou-se um espaço de aprendizado mútuo:

“Com a criança e a adolescente, aprendi a importância da adaptação: cada encontro exigia de mim sensibilidade para compreender suas formas de enxergar a vida e criatividade para ampliar seus horizontes. Pouco a pouco, vi a mediação se tornar um espaço de confiança, troca e construção de sonhos”.

Entre os desafios enfrentados, ele destaca a desmotivação dos acolhidos:

“É impossível falar sobre essa trajetória sem mencionar os desafios. Lidar com a falta de motivação dos acolhidos foi, sem dúvida, um dos maiores. Há crianças e adolescentes que já chegam marcados por experiências difíceis e que não vêem no estudo uma oportunidade de mudança”.

O projeto também o aproximou da docência, revelando novas dimensões da prática educativa:

“Olhando para trás, vejo o quanto o PET me aproximou da docência. Cada mediação me ensinou a ser mais paciente e observador; cada oficina me mostrou a importância de tornar o conhecimento acessível e dinâmico; cada reunião e pesquisa reforçaram a necessidade de fundamentar a prática em bases teóricas sólidas”.

Ou seja, ele reconhece o impacto profundo de sua atuação:

“[...] Se, através do PET, consegui me tornar parte da trajetória de vida de alguém, deixando ali uma semente que poderá germinar e florescer em horizontes que sequer consigo imaginar, sinto que já cumpri uma parte da missão que a vida me reservou. E levo comigo a certeza de que essa jornada ainda está apenas começando”.

**DANIEL** – Daniel inicia seu relato destacando a forma como a música entrou em sua vida, de maneira espontânea e vivencial:

“E assim, informalmente, fui aprendendo a tocar, observando e escutando outros músicos, ouvindo os adultos conversarem e me intrometendo em qualquer situação que a música fosse presente. Por muito tempo eu segui assim, aprendendo a partir de vivências, e faço isso até hoje”.

Ao refletir sobre sua formação, ele valoriza não apenas os estudos formais, mas também os encontros e experiências vividas na universidade:

“Tão importante quanto a minha formação acadêmica, as coisas que eu estudava, os diplomas etc., foram as experiências que eu vivi dentro da universidade e as pessoas que conheci me dividindo em ambientes diferentes, com ideias diferentes, ver como tudo se interligava e se completava.”

Sua entrada no PET foi marcada por dúvidas e entusiasmo:

“Quando entrei no PET Protagonismo Juvenil, tive muitas dúvidas de como seria a experiência, quando me deparei com tantas pessoas de cursos diferentes pensei qual viria a ser minha função ali, mas ao mesmo tempo fiquei muito animado.”

A criatividade e a adaptação foram essenciais para desenvolver oficinas musicais com os acolhidos:

“O uso de materiais recicláveis para utilizar como instrumentos não era apenas por inspiração no Bati Cum Lata, mas também pela necessidade de adequar a realidade da casa de acolhimento que não tinha nenhum tipo de instrumento ou material musical que eu pudesse utilizar como recurso para as oficinas, e é algo fora da nossa realidade conseguir instrumentos reais de percussão suficientes para montar uma banda.”

Daniel conclui com entusiasmo sobre o impacto cultural e pedagógico da experiência:

“Foi muito gratificante passar esse conhecimento com uma experiência imersiva, não apenas reproduzindo os ritmos que as bandas da ala urso fazem, mas incorporando toda a ideia valorizando nossa cultura.”

## **Partilhar Saberes e Ensaiar alternativas**

Os relatos que emergem dos temas geradores presentes nos textos da Nicolle, Maria Gabrielle, Glacyany, Rute, Ana Luísa, Michele, Thaís, Camila, Diana, Leanderson e do Daniel, revelam uma tessitura de experiências vividas que não se limitam ao campo da formação acadêmica, mas se expandem como gestos de esperança, cuidado e reinvenção de si dentro e fora do espaço acadêmico. São narrativas que se inscrevem no chão da vida,

nos porões da humanidade, nos quartos de despejo, nos navios negreiros onde o saber não é um depósito, mas uma construção coletiva, dialógica, crítica, criativa, espiritual e afetiva.

Inspiram-se na pedagogia do encontro, onde cada estudante, ao narrar sua trajetória, não apenas compartilha o vivido, mas também convoca o outro a escutar com o coração e aprender a ler o mundo a partir da perspectiva dos de baixo. Há, nesses relatos, uma pedagogia da presença, do oprimido, da esperança e da autonomia que reconhece o saber como expressão da dignidade humana e da potência transformadora da educação quando esta, dialoga com o mundo da vida. O PET Conexões é este espaço de reinventar o mundo, o espaço de um Coração Civil para que a justiça reine em nosso país.

A linguagem que atravessa esses testemunhos é marcada por uma ética do cuidado e pela valorização da memória como território de resistência e criação. São vozes que se levantam contra a lógica da invisibilidade, afirmando que educar é também acolher, escutar, transformar. Trata-se de uma escrita que não se pretende neutra, mas comprometida com a vida, com os sonhos e com a radicalidade do afeto. Cada relato é uma fresta por onde passa a luz da esperança freireana, que se quer práxis, aquela que insiste em dizer que ninguém educa ninguém sozinho, e que a educação, quando feita com amorosidade e compromisso, é sempre um ato político de libertação.

Penso que a aventura de leitura e reflexão em torno dos relatos será linda de viver. Os sonhos teimosos de estudantes universitários/as na convivência com os filhos do povo é um momento importante que contribui tanto para os projetos de vida quanto para o sentir, o pensar e uma agir para tecermos uma universidade que dialogue forte e compromissada com a realidade social.

# CAPÍTULO 1

## NICOLLE KLINST LAY MOREIRA SIMÕES

*É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”*

*Provérbio Africano*

### Introdução

Oi, me chamo Nicolle e estou concluindo o curso de Ciências Sociais – Bacharel, na Universidade Federal da Paraíba. Sou bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes–Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas. Atuo como mediadora pedagógica há um ano e uns bons meses, também ministro oficinas de educação étnico racial há um ano no programa aqui referido. A seguir, irei escrever um breve relato sobre minhas vivências e trocas dentro do projeto.

Entrar no programa foi um verdadeiro divisor de águas em minha vida universitária, fermentando ideias, amadurecendo projetos pessoais e ampliando o meu conhecimento sobre as relações sociais. Após a aprovação do processo enquanto bolsista, reorganizei totalmente minha rotina e minhas prioridades, agora não tinha mais que me preocupar se teria tempo ou não para estudar após um dia de trabalho e aula. E o mais importante de todos: teria a experiência de fazer parte de um projeto que me colocaria de frente a pesquisa, ensino e extensão, tudo de uma só vez.

Lembro de me perguntar logo no início, antes de conhecer as casas de acolhimento e os acolhidos, se eu realmente seria

capaz de cumprir com o que eu tinha falado durante a entrevista: se eu teria saúde emocional para trabalhar com um grupo de alta complexidade. E então, eu conheci a casa Caju (nome fictício), uma casa grande, com um lindo cajueiro logo na entrada e crianças que não paravam de me fazer perguntas, ainda que receosas. Percebi que antes das situações traumáticas e negligentes que haviam passado, eram crianças que mereciam todo o afeto, cuidado e responsabilidade.

Fui me aproximando da casa e do projeto como quem anda descalça em uma mata desconhecida, com muito cuidado e observando tudo. A interação entre as crianças, das crianças com o espaço, dos mediadores com as crianças (e vice-versa) e das crianças com os educadores da casa. Como estudante de Ciências Sociais, o ensino e a educação escolar estavam um pouco afastados da minha área, mas graças a minha pequena criança observadora, entendi como eu estabeleceria essa relação com minha futura mediada.

## **Aprendendo enquanto educo**

Cinco meses após a minha entrada, em março de 2024, acompanhei uma veterana durante uma mediação pedagógica com a acolhida ao qual ela era responsável, foi a minha segunda ida a casa. Cheguei uns dez minutos antes que a veterana e fiquei na frente da casa, aguardando, enquanto isso, duas garotinhas, Jana e Nala (nomes fictícios) de mais ou menos 6 e 8 anos de idade, ficaram ao meu lado, com várias perguntas na ponta da língua e a carência do tamanho de seus cabelos cacheados. Nesse dia, tive o primeiro contato com situações de racismo e rejeições com o próprio cabelo e a cor.

Ambas as crianças, confessaram-me que não gostavam de seus cabelos e que queriam ser mais clarinhas para serem bo-

nitais, se comparando com os meus traços. Assim como o desejo em ter acessórios femininos e afirmando que a pobreza seria o impeditivo aquisitivo. A mediação pedagógica que ocorreu após esse episódio, se tornou um detalhe, fui afetada pelas afirmações daquelas crianças, tão novas, porém atravessadas pelo racismo e a desigualdade social.

Convenientemente (ou destino), Nala se tornou minha mediada. Em nosso primeiro encontro, o qual apliquei a diagnose para conhecer mais sobre a personalidade e o seu nível escolar, eu estava bem receosa. Ficava me perguntando se mesmo com a minha preparação, ela conseguiria aprender e evoluir comigo, se ela iria gostar de mim ou se iria me rejeitar de primeira. Na verdade, passei um bom tempo esperando a notícia da rejeição dela.

Porém, a cada mediação, conhecendo seus gostos e seus limites, assim como os meus, acabei me descobrindo bem paciente e com uma comunicação extremamente fácil para crianças.

Me interessei cada vez mais pela educação de crianças e revivi um sonho da adolescência: ser professora dos primeiros anos escolares. Durante esse trajeto, houve vitórias e frustrações. Nala raramente me recebe feliz, um “Bom dia!” nunca aconteceu, sempre há uma resistência.

Durante os meses iniciais, Nala estava bem empolgada, apesar de sua pouca paciência, ela era focada quando queria e fazia tudo com muito esmero, não gostava de nada mal feito.

Nala estava no 2º ano do ensino fundamental, sabia escrever as letras e formar as sílabas simples com pouca dificuldade, era ótima na adição e subtração. Nesse tempo, ela ainda não sabia usar os dedos para fazer os cálculos, com pouco tempo de mediação, já pedia para realizar as “continhas” de matemática sozinha, digo com firmeza que foram raras as vezes em que precisei corrigí-la.



**Imagem 1 – Mediação pedagógica**



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Observava essa criança com muito cuidado, compreendia o ambiente estressante em que vivia, e que, apesar de carregar o nome “acolhimento”, pouco a acolhia. Nos últimos meses de 2024 passamos por algumas mediações frustradas, Nala não estava aceitando como antes as mediações, estava resistindo as atividades, muito impaciente e estressada. Por vezes fiquei sem esperanças, sem saber como melhorar e ajudá-la.

Até ser informada que seus irmãos que estava junto com ela na casa seriam acolhidos por uma família acolhedora e que ela havia sido rejeitada por um “mal comportamento”. Nesse momento, entendi completamente sua atitude. E esse é um dos desafios de educar uma criança de alta complexidade, há um atravessamento que não encontramos em crianças em lares estruturados e amparados emocionalmente, economicamente e socialmente.

No início do programa confesso que tive certa dificuldade como poderia encaixar o conteúdo de Ciências Sociais nas ações do programa, considerando ser a única do meu curso. Aos

poucos compreendi todo funcionamento social das casas, visto como um espaço de produção de subjetividades. Então, em todas as trocas que tive com as crianças e os adolescentes, fui me aproximando do tema atual ao qual trabalho hoje em dia: Relações Étnico-raciais.

### **Pisando no chão da casa**

Nesta parte, abordarei sobre as ações de extensão realizadas em ambas as casas que atuamos: As oficinas temáticas. Esta ação se inicia em 2024, com uma proposta da tutora para que aproximemos nossas áreas de graduação do projeto, para além da educação básica. Nesse momento quase me desesperei por estar sozinha, e a única certeza que tinha era o tema que eu gostaria de abordar nas oficinas, que inicialmente, se concentrava na educação antirracista.

Acredito que a escolha desse tema é a grande prova do quanto fui afetada pelo Projeto PET, sinto que encontrei um dos meus caminhos enquanto acadêmica. Esse interesse foi despertado inicialmente durante as reuniões do grupo, em que foram debatidas as situações de racismo e preconceito que alguns bolsistas sofreram por parte dos acolhidos. Um problema que precisava ser conscientizado e discutido dentro das casas de acolhimento.

Durante a convivência com os acolhidos vivenciei essas ocorrências, assim como relatei no início. Cada vez mais busquei conhecimento sobre o tema para entender esse fenômeno dentro das casas e como poderia intervir.

A oportunidade de trabalhar nessa área surgiu com as oficinas, ao propor o tema durante a reunião, temia que meu tema fosse deixado de lado por estar sozinha. Contudo, minha parceira no PET, Glacyany, aceitou dividir essa jornada (que

acredito ser linda) ao meu lado, e assim, escrevo essas palavras com muito afeto.

Com muita pesquisa montamos todo o nosso cronograma de atividades para o ano de 2024, que contava com livros paradidáticos, vídeos educativos, pinturas, colagem e brincadeiras. Todas alinhadas na perspectiva da educação anti racista, assim, tratamos sobre diferenças físicas, raças, racismo, miscigenação e cultura afro-brasileira.

Em cada oficina que aplicamos, dividimos em dois momentos: primeiro, informamos e conscientizamos sobre as questões inerentes ao racismo, e em segundo, fazíamos alguma atividade prática cultural ou artística.

**Imagem 2** – Oficinas de educação étnico-racial



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Em 2025 continuamos com as oficinas, agora com o título: “Oficinas de Educação Étnico-Racial” e com uma abordagem diferente, incluímos a Educação Indígena, seguido do encontro com o povo Afro-brasileiro até os dias atuais. Criamos murais e poesias com os resultados das atividades, até mesmo um bingo de fixação, elaboramos!

Assim como no ano passado (2024), o nosso calendário sofreu alterações e, infelizmente, não conseguimos aplicar tudo o que havíamos planejado. A inconstância é um dos nossos grandes desafios, ora é pela saída e entrada de novos acolhidos, ora é pelas mudanças que acontecem dentro do próprio projeto diante da realidade.

Durante as oficinas enfrentamos algumas adversidades, como esvaziamento, intrigas e até mesmo precisar esperar para o grupo começar a aparecer. Para mim, isso é um detalhe (menos o esvaziamento) pois conseguimos aplicar a maioria das atividades que havíamos planejado ou houve participação (às vezes, com um pouco de insistência da nossa parte).

De todas as demandas que realizamos dentro do projeto, sem dúvida, realizar as oficinas foi a que eu mais gostei. Desde o processo de planejamento até a organização dos resultados, aprendi e me diverti fazendo e me vejo como uma Educadora Antirracista. As mudanças que observamos nas crianças e adolescentes que ainda estão nas casas e que participaram de quase todas as oficinas, é que elas aprenderam algo. O que antes não aprenderam em suas escolas, passaram a ver nas oficinas e conheceram um pouco mais sobre os povos que são seus ancestrais.

## **Conhecendo novos ares**

Outro eixo que trabalhamos no projeto é o da pesquisa, para quem planeja seguir carreira acadêmica, explorar esse caminho tem muita importância. Em 2024 elaboramos um livro sobre jogos pedagógicos, minha primeira publicação. E acredito que foi um dos processos mais complicados que fizemos, pois tivemos que criar um jogo pedagógico, aplicar, observar as interações e resultados da atividade e depois relatar tudo isso em

um capítulo do livro. Foi uma experiência bem legal e enriquecedora.

Aos poucos tivemos outras demandas escritas, como para o ENAPET, ENEPET e ENID<sup>1</sup> que são anuais. Além desses eventos, elaboramos um projeto de pesquisa bibliográfica, estamos produzindo esse livro e criando uma pesquisa a partir das nossas áreas de conhecimento dentro das casas.

O ENEPET reúne todos os grupos PET regionais do Nordeste por três dias em alguma universidade federal, ano passado foi em Maceió – AL, e esse ano em Fortaleza – CE. Tive a honra de estar em ambos!

Eu queria muito a experiência de apresentar em eventos para superar o nervosismo que sinto durante a fala. Em Maceió, apresentei em formato pôster com minha amiga Thais e foi extremamente cansativo, passamos duas horas em pé e as poucas pessoas que paravam para nos escutar, tinham pressa.

Felizmente, consegui contornar essa situação em 2025, fui representando o meu grupo para o ENEPET em Fortaleza. Apresentei o projeto de pesquisa bibliográfica que também fiz parte, com o tema das famílias acolhedoras e o termo de não adoção. Foi legal participar de todas as atividades e conhecer os outros grupos PETs. E posso afirmar que durante toda a minha graduação, essa foi a minha melhor apresentação.

---

1 Encontro Nacional dos Grupos de Educação Tutorial Encontro Nordestino dos Grupos de Educação Tutorial Encontro de Iniciação à Docência

**Imagem 3 – ENEPET Fortaleza/CE**



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Dentro desse eixo, prossigo aprendendo bastante com os projetos de pesquisa. Acredito que foi uma iniciativa ótima da professora incluir tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa dentro das casas, assim, nos preparamos com antecedência para nossas próprias pesquisas de conclusão de curso. Continuo aprendendo demasiadamente sobre todo o processo de elaboração de um projeto, é um grande desafio, mas que aos poucos tenho superado. Inclusive, este último, irá compor o meu TCC também.

### **“Ubuntu: Eu sou, porque nós somos” – Provérbio Africano**

Não sou mais a mesma Nicolle perdida na Universidade de 2023, mesmo com todos os percalços da vida, sei o que quero em relação ao meu estudo e profissão. E essa foi uma descoberta dentro do projeto, foi toda uma rede de trocas, de conversas, desabafos, para que eu pudesse afirmar isso. E nós somos quem somos por conta de todos e tudo que nos entornam, as vezes não é fácil, mas eu tenho o que agradecer.

Quero terminar esse capítulo agradecendo aos meus veteranos por terem me acolhido e sanado todas as minhas dúvidas, aos meus colegas por dividirmos as frustrações e as vitórias. Vejo grandes profissionais, principalmente, profissionais que acolhem quem mais precisam. Tenho certeza que fomos tocados por cada criança que conhecemos e ajudamos a evoluir, e isso é incrível! Quero agradecer também ao ex pedagogo da casa, Jan, por ter sido tão solícito e nos ajudado tanto a manter o projeto na casa de acolhimento.

Agradeço também a tutora do projeto, professora Conceição, por sempre nos impulsionar para alcançar novos espaços e me preparar para ser uma ótima profissional.

Por último, quero agradecer a mim mesma, por nunca ter desistido e tentando dar o meu melhor, independente das maresias da vida. Em breve me despedirei do programa para voar por outras florestas, com as asas mais fortes do que nunca! Muito obrigada, Programa Educacional Tutorial-Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas/Conexões de Saberes.

## CAPÍTULO 2

# MARIA GABRIELLE DA SILVA

**De 2022 ao Protagonismo: A Trajetória de uma  
Bolsista PET em Constante Evolução**

### Introdução

Desde 2022, tenho a honra de fazer parte do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de saberes-Protagonismo Juvenil, uma experiência que tem moldado significativamente minha trajetória acadêmica e pessoal.

Ao longo desses anos, tive a oportunidade de vivenciar e contribuir com diversas ações de ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais do programa. Cada mediação, com seus desafios e particularidades, representou um degrau na minha formação, proporcionando aprendizados valiosos e a construção de uma perspectiva mais ampla sobre o papel do estudante universitário na sociedade.

A jornada aqui apresentada, embora repleta de momentos de superação e êxitos, também foi marcada por dificuldades que, paradoxalmente, se revelam as maiores fontes de crescimento.

A capacidade de adaptar-me, buscar soluções e transformar obstáculos em oportunidades, tornou-se uma constante, preparando-me para os desafios que surgem pelo caminho.

Atualmente, imersa no quinto mediado, que possui deficiência intelectual, percebo a quão especializada e gratificante pode ser a atuação do PET, mesmo em contextos que exigem uma abordagem mais focada e sensível.



Este relato busca compartilhar as experiências vividas, os aprendizados colhidos e as reflexões que surgiram ao longo desta enriquecedora caminhada no PET Protagonismo Juvenil, além de propor sugestões para o futuro do programa, sempre com o olhar voltado para o aprimoramento contínuo dos eixos de ensino, pesquisa e extensão.

### **Experiências com ensino, pesquisa e extensão**

Minha participação no PET Protagonismo Juvenil, iniciada em 2022, me propiciou uma imersão profunda nos pilares universitários de ensino, pesquisa e extensão.

Ao longo das quatro primeiras mediações, consegui aplicar e expandir meus conhecimentos em diversas frentes, contribuindo ativamente para o desenvolvimento de projetos e ações que impactaram tanto a comunidade acadêmica como a sociedade.

No eixo do **Ensino**, minha atuação no PET foi essencial para aprimorar minhas habilidades pedagógicas e de facilitação da aprendizagem.

Durante minha trajetória, realizei diversas mediações pedagógicas, acompanhando quatro crianças anteriormente, três meninas e um menino, e, atualmente lidando em minha quinta mediação, com um menino.

Participei ativamente da elaboração e aplicação de materiais didáticos, com o objetivo não apenas de transmitir conhecimento, mas também de estimular o pensamento crítico e a participação cidadã. A interação com esses jovens e a percepção do impacto direto do meu trabalho em suas vidas, foram experiências extremamente gratificantes e enriquecedoras para minha formação geral.

#### Imagem 4 – Mediação em casa de acolhimento



Fonte: Instagram @pet.protagonismojuvenil

No eixo da **Extensão**, o PET me conectou com a comunidade externa à universidade, permitindo que o conhecimento acadêmico fosse aplicado em prol do bem estar social. Colaborei efetivamente de diversas iniciativas, que incluíram oficinas onde desenvolvi e ministrei em duas casas de acolhimento, dentre elas, a de contação de histórias, que visava estimular a imaginação e o gosto pela leitura.

Em outra ocasião, conduzi a oficina de leitura criativa, onde as crianças e adolescentes foram incentivadas a criar suas próprias histórias, culminando na produção de um pequeno livro.

Por fim, desenvolvemos a oficina de jogos matemáticos e de português com materiais recicláveis, que promoveu o aprendizado de forma lúdica e sustentável. Essas oficinas visavam, não apenas a transmissão de informações, como também o estímulo à participação ativa e ao desenvolvimento de habilidades práticas.

**Imagem 5** – Oficina: Contadores de Histórias



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Ainda no eixo da **Extensão**, participei da organização e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos, divulgando as ações de ensino, pesquisa e extensão do PET e seus resultados.

Dentre essas, destaco minha participação no Encontro Nordestino dos Grupos de Educação Tutorial (ENEPET) em Macaíó, no ano de 2024, onde apresentei trabalho na modalidade de *banner*.

Essa experiência foi crucial para compartilhar boas práticas, inspirar outras iniciativas e dar visibilidade ao impacto do programa. A interação com diferentes públicos, desde estudantes a gestores públicos, aprimorou minhas habilidades de comunicação e argumentação.

As dificuldades na extensão, como a burocracia para a realização de eventos e a necessidade de lidar com imprevistos, foram superadas com planejamento, organização e muita relevância, demonstrando a importância do trabalho em equipe e capacidade de adaptação.

**Imagem 6** – Participação no ENEPET 2024



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

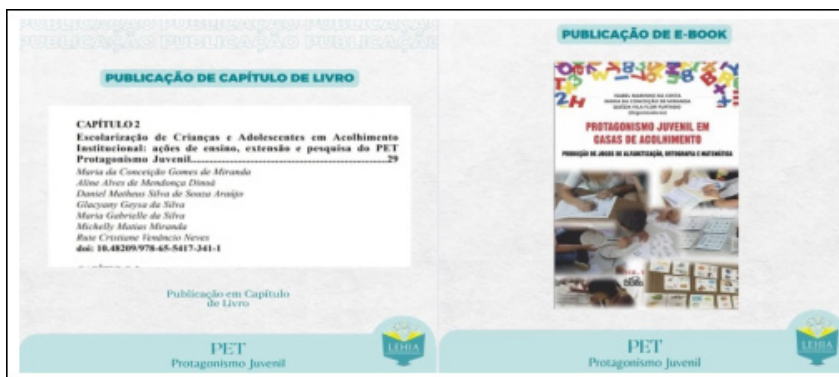
No eixo **Pesquisa**, fui introduzida ao rigor científico e a relevância da investigação para a produção de conhecimento. Essa atividade compreendeu a Pesquisa Bibliográfica, em que realizei levantamentos bibliográficos aprofundados sobre os temas específicos.

A referida pesquisa foi dividida em grupos, fiquei responsável conjuntamente com alguns colegas pelo tema “Atuação de Pedagogos”.

Essa etapa me propiciou desenvolver a capacidade de selecionar, analisar e sintetizar informações de fontes diversas, aprimorando meu senso crítico e minha autonomia intelectual.

A pesquisa bibliográfica foi a base para a compreensão de conceitos complexos e para a identificação de lacunas no conhecimento que poderiam ser exploradas em futuras investigações.

## Imagem 7 – Livro publicado Imagem 8 – Livro publicado



Fonte: Instagram @pet.protagonismojuvenil

Além disso, durante minha trajetória no PET Protagonismo Juvenil consegui publicar dois livros vinculados ao programa, fruto das ações de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas com a equipe. Essas publicações reforçam meu compromisso com a produção e disseminação do conhecimento e com o impacto social das iniciativas acadêmicas.

Atualmente, estou envolvida em uma pesquisa sobre a mediação pedagógica e sua influência na aprendizagem de crianças, com um foco especial no olhar dos bolsistas do PET.

Esta pesquisa visa entender como a atuação dos bolsistas, por meio de suas mediações pedagógicas, auxilia no processo de aprendizagem dessas crianças. Para isso, realizei entrevistas com o intuito de coletar suas percepções e experiências sobre as estratégias utilizadas, os desafios enfrentados e os resultados observados. O objetivo é analisar a eficácia dessas mediações pedagógicas e identificar melhores práticas que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças.

### Entre desafios e conquistas: a mediação

Me encontro imersa na quinta mediação do PET Protagonismo Juvenil, uma experiência que se destaca por sua natu-

reza especializada e pela profundidade do aprendizado que tem proporcionado. Esta mediação é focada em um adolescente com deficiência intelectual, e minhas atividades se concentram especificamente em coordenação motora, reconhecimento de cores e um pouco do nome dele. É um trabalho que exige uma abordagem pedagógica diferenciada e uma sensibilidade aguçada para as necessidades individuais dele.

Confesso que, inicialmente, a ideia de trabalhar com uma mediação tão específica e com um indivíduo que demanda atenção tão particular, me trouxe algumas apreensões. As dificuldades são inerentes a este contexto: a comunicação nem sempre é verbal, o progresso pode ser lento e a paciência é uma virtude constantemente testada. Cada pequena conquista, como segurar o lápis com firmeza, identificar uma nova cor ou balbuciar alguma palavra nova, é celebrada como uma grande vitória, não apenas para ele, mas para mim também.

No entanto, apesar dos desafios, tenho gostado muito desta etapa, de mediar ele, a pureza que possui, a forma como mesmo não compreendendo exatamente o que se pede, ele se dedica a atividade, e a satisfação de ver o impacto direto do meu trabalho em seu desenvolvimento, são recompensas inumeráveis.

Essa mediação tem me ensinado a valorizar os pequenos passos, a adaptar minhas estratégias e a desenvolver uma empatia ainda maior. E um lembrete constante de que o aprendizado não se limita aos livros e as salas de aula, mas se manifesta de diversas formas, especialmente na interação humana e na capacidade de contribuir para a inclusão e o desenvolvimento de todos.

### Imagem 9 – Mediação em casa de acolhimento



Fonte: Instagram @pet.protagonismojuvenil

Apesar de ser uma mediação especializada e focada em aspectos pontuais, a experiência tem sido incrivelmente enriquecedora. Ela me força a sair da minha zona de conforto, e buscar novas metodologias e aprofundar meu entendimento sobre as diferentes formas de aprendizado e desenvolvimento. As dificuldades, mais uma vez, se transformam em oportunidades de crescimento, e a satisfação de ver uma mudança, mesmo que pequena, no comportamento ou na coordenação motora dele, é a minha maior motivação para continuar.

### Dificuldades e Êxitos: um caminho

Minha jornada no PET Protagonismo Juvenil, desde 2022, tem sido um mosaico de experiências, onde as dificuldades e os êxitos se entrelaçam para formar um caminho de aprendizado contínuo. É inegável que houve momentos de frustração, de incerteza e de questionamento. A complexidade de alguns projetos, a necessidade de conciliar as atividades do PET com as demandas acadêmicas e pessoais, e a investigação por soluções inovadoras para problemas reais, foram desafios constantes.

No entanto, cada uma dessas dificuldades se revelou uma oportunidade disfarçada. Elas me forçaram a desenvolver resiliência, a aprimorar minhas habilidades de resolução de problemas e pesquisar aprendizagens de forma mais proativa. Aprendi a lidar com a pressão, trabalhar em equipe de forma mais eficaz e a valorizar a importância da comunicação clara e assertiva. A capacidade de adaptação, que antes era uma característica, tornou-se uma competência essencial, permitindo-me transitar por diferentes contextos e desafios com maior confiança.

Os êxitos, por sua vez, foram a validação de todo o esforço e dedicação. A conclusão bem-sucedida de um projeto, o reconhecimento do impacto positivo das nossas ações nas casas de acolhimento, o *feedback* positivo das participantes e a sensação de dever cumprido foram momentos de grande satisfação.

Mais do que as conquistas em si, o maior êxito foi o crescimento pessoal e profissional que cada experiência me proporcionou. Percebo hoje maior maturidade, uma visão mais crítica e uma capacidade de liderança que foram lapidadas ao longo desses anos no PET.

Em suma, as dificuldades foram os catalisadores do meu desenvolvimento, enquanto os êxitos foram os marcos que me impulsionaram a seguir em frente. Ambas as facetas dessa jornada foram cruciais para a minha formação, ensinando-me que o aprendizado é um processo dinâmico e que a superação é a chave para o crescimento.

### **Sugestões para Ações Futuras: Ensino, Pesquisa e Extensão**

Com base nas experiências vivenciadas no PET Protagonismo Juvenil, e com o olhar voltado para o aprimoramento contínuo do programa, gostaria de propor algumas sugestões



para ações futuras nos três eixos fundamentais: ensino, pesquisa e extensão.

No ensino, a criação de módulos de capacitação mais aprofundados para os bolsistas, focando em metodologias ativas de aprendizagem e no desenvolvimento de materiais didáticos inclusivos. Poderíamos explorar a gamificação como ferramenta para engajar os jovens em temas complexos, e expandir as oficinas para abranger outras áreas do conhecimento, como raciocínio lógico e conhecimentos gerais, preparando os estudantes para os desafios do ensino superior e do mercado de trabalho.

Além disso, a criação de um banco de dados de atividades e materiais didáticos desenvolvidos pelos bolsistas ao longo dos anos poderia servir como um recurso valioso para futuras mediações, garantindo a perenidade e a qualidade das ações de ensino.

Na pesquisa, vejo um grande potencial na promoção de projetos interdisciplinares que abordam questões sociais relevantes, incentivando a colaboração entre bolsistas de diferentes áreas do conhecimento. Poderíamos estabelecer parcerias com outras instituições de pesquisa e organizações não governamentais para ampliar o escopo e o impacto das nossas investigações.

A publicação dos resultados das pesquisas em periódicos científicos e a participação em congressos e seminários, seriam importantes para disseminar o conhecimento produzido e fortalecer a imagem do PET como um centro de excelência em pesquisa. Proponho também a criação de um programa de mentoria em pesquisa, onde bolsistas mais experientes possam orientar os novatos, facilitando sua inserção no universo da investigação científica.

No que tange à extensão, acredito que o PET pode expandir ainda mais sua atuação na comunidade, buscando parcerias com as escolas, para desenvolver projetos de impacto social. Po-

deríamos focar em ações que promovam a educação ambiental, a saúde e o bem-estar, e a inclusão digital, utilizando a tecnologia como ferramenta para empoderar as comunidades. A criação de um calendário anual de eventos de extensão, com a participação ativa dos bolsistas na organização e execução, seria fundamental para garantir a continuidade e a diversidade das ações.

Além disso, a documentação e a divulgação dos resultados das ações de extensão, por meio de relatórios, vídeos e mídias sociais, seriam importantes para dar visibilidade ao trabalho do PET e inspirar outras iniciativas.

Em todas essas sugestões, o objetivo é fortalecer o papel do PET Protagonismo Juvenil como um agente de transformação social, capacitando os bolsistas para atuarem de forma ética, crítica e engajada, e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

## **Conclusão**

Minha jornada no Programa de Educação Tutorial (PET) Protagonismo Juvenil tem sido, e continua sendo, uma experiência transformadora. Desde 2022, cada mediação, cada desafio e cada sucesso contribuíram para a minha formação integral, não apenas como estudante, mas como cidadão.

As vivências nos eixos de ensino, pesquisa e extensão me permitiram aplicar o conhecimento acadêmico em contextos reais, desenvolver habilidades essenciais para a vida profissional e pessoal, e visualizar a relevância do engajamento social.

As dificuldades, embora por vezes desanimadoras, foram os catalisadores de um aprendizado profundo, ensinando-me a resiliência, a adaptação e a busca incessante por soluções.

Os êxitos, por sua vez, foram a validação do esforço e a motivação para continuar aprimorando-me. A atual mediação,

focada na deficiência intelectual, é um testemunho da capacidade do PET de abordar temas complexos e de promover a inclusão de forma significativa, reforçando meu compromisso com a educação e o desenvolvimento humano.

As sugestões apresentadas para o futuro do programa visam fortalecer ainda mais o PET Protagonismo Juvenil como um espaço de excelência acadêmica e de impacto social.

Acredito que, ao investir na capacitação dos bolsistas, na promoção de pesquisas interdisciplinares e na expansão das ações de extensão, o programa continuará a formar líderes e agentes de mudança, capazes de construir um futuro mais promissor para todos.

Agradeço a oportunidade de fazer parte desta iniciativa e de contribuir para a sua contínua evolução.

## CAPÍTULO 3

### GLACYANY GEYSA DA SILVA

*(D)escrevendo memórias e experiências: Minha trajetória no Programa de Educação Tutorial*

#### Introdução

**O**lá, me chamo Glacyany Geysa da Silva, como já devem saber, já que é o nome presente acima, tenho 24 anos, faço faculdade de Letras, licenciatura em Língua Portuguesa, nasci e vivo em João Pessoa-PB. Sempre é complicado falar sobre mim, acaba se tornando algo muito emocional para o meu gosto, mas vamos lá.

Fui incubida de contar-lhes sobre minha trajetória no PET, o Programa de Educação Tutorial, Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas–Conexões de Saberes (ou seja, interdisciplinar), do qual faço parte desde setembro de 2022, para ser mais específica, como bolsista, o que foi uma surpresa na verdade, explico o porquê mais à frente.

Nesse programa, participo ativamente do projeto Letramento e Escolarização a partir de Histórias Individuais – LEHIA, para a Autonomia, nele, desenvolvo, junto aos meus colegas, atividades de ensino para crianças e adolescentes residentes de Casas de Acolhimento.

Ao contrário do que muitos pensam, esses jovens não estão privados de liberdade, mas sim, apartados do seio familiar devido à violação de seus direitos previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como, por exemplo, direito à educação e ao respeito, e as Casas de Acolhimento são institui-

ções de acolhida temporária, sendo, as que trabalho no projeto, geridas pela prefeitura de João Pessoa.

Creio que seja importante contextualizar o público que assistimos, pois assim evidencia-se a complexidade e necessidade desse trabalho, assim como a gerência pública que retratam o contexto social.

### **Do processo ao Ingresso**

Ouvi falar do PET pela primeira vez quando estava no quarto período da Curso de graduação em Letras Português, através da minha irmã mais velha. Eu estava bem acomodada, era o meu primeiro ano presencial pois, devido à pandemia, as aulas iniciaram de maneira remota, sendo assim, não estava nem um pouco acostumada com a independência necessária para sobreviver à Universidade. Apesar disso, após saber que havia um processo aberto para o programa, e ter acesso ao e-book que trazia experiências no mesmo, fiquei maravilhada com a iniciativa.

Após o processo de inscrição para a seleção, fiz a prova e fui chamada para a etapa final: a entrevista. Lembro que me surpreendi por conseguir a bolsa. Então, um critério importante no processo era o coeficiente de rendimento acadêmico (CRA), que é a média do desempenho acadêmico, e o meu totalizava 7.99, o mais baixo entre os inscritos. Sabendo disso, já me candidatei esperando me tornar voluntária. Inclusive, essa foi uma questão abordada na entrevista e, até então, eu seria a primeira voluntária.

Contudo, pouco antes do resultado final, um bolsista saiu do projeto em função da conclusão do curso. Dá para acreditar? Ainda me surpreendo. E assim, consegui a última bolsa disponível naquela edição.

Em setembro, iniciou-se uma nova etapa da minha vida: passei a integrar o PET Protagonismo Juvenil, e participei da primeira reunião no projeto. Nela conheci meus novos colegas, aprendi mais sobre as ações e sobre o público assistido por nós.

No mesmo mês, realizei minha primeira visita a uma das Casas. Nesse primeiro encontro, acompanhei uma veterana durante a realização de sua média personalizada com uma adolescente. Apesar de sentir que minha presença a deixou agitada, o primeiro contato foi incrível, apresentei-me aos profissionais da Casa e às crianças e adolescentes lá presentes.

Já nessa visita, percebi a carência, o receio e o carinho presentes em cada um dos acolhidos. Os olhinhos curiosos e os questionamentos sobre mim, fizeram-me sentir muito querida. Mas acredito que a questão principal, aquela que mais me tocou foi conhecer os seres tão jovens e descobrir o que os levou até lá e, ao mesmo tempo em que é chocante, se torna, também, um motivo a mais para me doar totalmente, focar no meu “trabalho de formiguinha”, de modo a transformar as ações em momentos prazerosos de aprendizagem significativa e humana.

## **Atividades Desenvolvidas**

Ao longo da jornada no projeto, tive a honra de envolver-me em diversas ações, dentro e fora da universidade, desde oficinas aplicadas para os petianos acerca de modelos pedagógicos, passando por apresentações em encontros, até viagens para outra universidade.

A primeira atividade desenvolvida por mim no PET Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, foi a mediação, que é como um encontro de ensino e/ou reforço particular e personalizado. A partir dela, direcionei temas diversos para trabalhar com os acolhidos, como por exemplo, combate ao suicídio,

identidade, dia da consciência negra, entre outros, assim como, trabalhar com o que estão estudando na escola de uma maneira mais individual, ou ainda, reforçando possíveis dificuldades de escrita, cálculo, leitura ou disciplina específica.

**Imagem 10** – Mediação em casa de acolhimento



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

As mediações dependem demais do acolhido, pois, ainda que haja um grande empenho do mediador, todo o esforço torna-se inútil se ignorado pela criança ou adolescente assistido. Tendo isso em vista, há diálogos constantes entre ambas as partes acerca de metodologias, temas e até mesmo, questões pessoais, tudo em prol do melhor desempenho possível.

Após um tempo, participei de um projeto intitulado “Educação antirracista”, que envolveu a realização de oficinas pedagógicas, em dupla, sobre educação antirracista em Casas de Acolhimento, no município de João Pessoa-PB.

Nesse subprojeto, atuei nas discussões sobre a valorização afro-brasileira, miscigenação na sociedade brasileira, escravidão, lutas, cultura, religiões de matriz africana etc. Este, foi substituído pelo novo subprojeto “Estudos étnico-raciais” que, seguindo na mesma perspectiva, passou a abordar os povos indí-

genas, africanos, valorização de sua arte, marcas de sua cultura, vocabulário e resistência.

Algo interessante no desenvolvimento deste trabalho é que foi possível relacionar literatura com outras artes e ainda, apresentar atividades práticas de fixação, como: pintura, desenho, construção de escrita coletiva e até mesmo brincadeiras de grande movimentação corporal.

Como nem tudo são flores, é óbvio que houve questões quanto ao desenvolvimento das oficinas, como: a dificuldade de assistência dos profissionais das Casas, a desmotivação dos acolhidos, a grande rotatividade do público, as divergências entre eles, a dificuldade de controle e questões emocionais das crianças e adolescentes. Mas, isso não pode, muito menos deve, ser visto como empecilho para a tentativa de ensino, reforço e desenvolvimento com esses jovens.

Além das oficinas, fiz-me presente em visitas à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com o intuito de apresentar possibilidades diversas de áreas no ensino superior, para os acolhidos.

A partir delas, conhecemos o Museu de Morfologia, no qual fomos acompanhados por alunos do curso de biologia e observamos diferentes tipos de células, o Museu de Paleontologia, onde os acolhidos puderam interagir com fósseis e aprender sobre geografia, e os Laboratórios: Engenharia de Sistemas e Robótica (LASER) e de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID) no Centro de Informática da UFPB, onde vimos um drone autônomo e uma ferramenta para tradução de sites para pessoas surdas.

Como em qualquer ambiente, nem todos possuem interesse pela mesma coisa, área ou objeto, e, apesar de alguns adolescentes se manterem resistentes à experiência gratificante das visitas, elas mostraram-se bem eficazes, pois apresentavam certas questões das diversas áreas de forma lúdica e interativa,



despertando curiosidade e brilho nos olhos de acolhidos e petianos.

**Imagem 11** – Ação do Projeto de Vida: Visita ao Centro de Informática



Fonte: Instagram @pet.protagonismojuvenil

Outra experiência importante foi a produção de um artigo para publicação em um livro. Junto a um aluno do Programa de Licenciatura (PROLICEN) e com orientação do Prof. Doutor Vinicius Varella, desenvolvemos recursos didáticos para ensinar matemática utilizando gêneros textuais e aplicamos esses recursos nas Casas de Acolhimento. Nele, usamos o boleto bancário para ensinar o cálculo de porcentagem. O trabalho resultou num artigo publicado em um *e-book* e apresentado em evento.

Claro que escrever um artigo para livro, pela primeira vez na vida, foi complexo e fantástico. “Quebrar a cabeça” ao longo do processo, só tornou mais recompensador poder ver um artigo em *e-book* publicado com meu nome, utilizando uma escrita acadêmica que eu jamais imaginei que seria capaz.

Imagem 12 – Aplicação do jogo didático ‘boleto bancário’



Fonte: Instagram @pet.protagonismojuvenil

Também trabalhei em um projeto de pesquisa sobre família acolhedora e atuação de pedagogos em casas de acolhimento. Para esta atividade, nós petianos, fomos divididos em grupos, produzimos uma justificativa e fundamentação teórica sobre o tema, o que foi um desafio, mas também uma oportunidade de aprendizado e crescimento.

O projeto rendeu um resumo expandido enviado para apresentação no ENEPET.

Uma escrita a várias mãos pode gerar alguns conflitos, contudo, após superá-los, tudo se torna ainda mais satisfatório, além de reforçar nossa atuação geral enquanto membros de uma equipe.

Graças ao PET, realizei minha primeira viagem para outro estado pela universidade. Para a apresentação no ENAPET – a edição foi realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em Recife. Isto serviu para divulgar resultados do trabalho e também para reconhecer como ele é importante. Graças a este encontro foi possível conhecer ações de outros

projetos e interagir com pessoas de universidades e institutos de todas as partes do Brasil.

**Imagem 13** – Participação no Encontro Nacional dos PETs



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

O contato com diversidades de programas e pessoas tornou a nova experiência ainda mais rica, até porque, além de conhecer novas pessoas, a viagem proporcionou uma maior aproximação dos meus colegas de projeto, impactando positivamente em nossas ações em equipe.

Fazendo parte do projeto, também tive o prazer de ter um trabalho premiado no Encontro de Iniciação à Docência (ENID), cuja apresentação foi realizada por mim, minha primeira pelo PET. O trabalho abordava o acompanhamento escolar, ação de substituição das mediações, a partir dela, acompanhei uma adolescente em acolhimento em sua rotina escolar. Inicialmente, foi aterrorizante, não sabia como os colegas ou a própria acolhida reagiriam, além disso, também não era garantida a aprovação do corpo docente e da diretoria.

Apesar de alguns percalços e dificuldades de comunicação, a ação foi bem sucedida, gratificante por perceber o pro-

gresso e superação das dificuldades, assim como a melhora do desempenho escolar da adolescente mediada.

## **Considerações Finais**

De maneira geral, essas experiências foram enriquecedoras e me permitiram crescer pessoal e academicamente. Aprendi sobre a importância, a magia e a dificuldade de trabalhar com ensino, pesquisa e extensão universitária. Além disso, sinto que pude contribuir com o público das Casas de Acolhimento e, ao mesmo, aprender com os acolhidos.

Lidar com um público de alta complexidade e tão jovem fez e ainda faz-me refletir sobre práticas educativas que considerem o saber prévio e o contexto sócio-histórico de um estudante. Enquanto futura docente, posso afirmar com toda a certeza, que estar no projeto moldou meu caráter de forma significativa e positiva, que gerou aprendizado e realização.

Acredito que para o aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas pelo projeto, necessita-se uma colaboração mais ativa por parte dos profissionais das Casas de Acolhimento, visto que estão em contato frequente e direto com os acolhidos. Além disso, para uma ampliação do contato entre o grupo de petianos, faz-se indispensável o início e manutenção de encontros regulares entre os integrantes, isto é, além das reuniões mensais. Também seria importante a universidade, divulgar as ações desenvolvidas, além de fornecer sala, transporte e equipamentos para a melhoria do trabalho.

Minha trajetória no projeto, desde o diálogo entre colegas até os resultados das ações práticas, fez-me evidenciar a importância de insistir naquilo que se acredita, buscar diversas maneiras de solucionar um problema, avançar na escrita acadêmica, atentar-me ao processo, muitas vezes lento, de um tra-

balho que envolve alta complexidade e atuar satisfatoriamente com as pessoas.

Trabalhar com o público, sobretudo um público tão jovem que já possui experiências de vida difíceis, as quais não deveriam estar presente no contexto de crianças e adolescentes, tornou tudo ainda mais relevante e arrevesado, visto que, existem fatores psicológicos que impactam em suas relações consigo e com a presença e ausência do outro, o que interfere na autoestima e na construção de laços.

Ressalto ainda, que mesmo entre as dificuldades, a superação sobressaiu-se, resultando na evolução de uma jovem mulher paraibana com o sonho de ensinar e transformar a vida de outros, de modo a proporcionar experiências e ampliar a compreensão sobre sua própria capacidade.

### **Enquanto graduanda em Letras**

Acredito que a experiência nesse projeto pode me ajudar a chegar onde quero, compartilhar uma perspectiva mais real, crítica e empática. Pois, apesar de ter passado a maior parte atuando nas Casas de Acolhimento, constatei que esse perfil de jovens, compõem grande parte das escolas públicas. Crianças e adolescentes que não se encontram em um lar familiar bem estruturado, jovens com questões emocionais e psicológicas que impactam diretamente na forma como estudam, pensam, comunicam-se, etc.

Só para esclarecer, não estou vitimizando-os ou sendo capacitista, mas é a realidade de muitos, e eles desenvolveram estratégias para se ressignificarem, são até mais espertos que eu, mesmo sendo mais jovens. Só quero dizer que estar exposta a eles me fez repensar em como desenvolver melhor minha futura profissão docente.

Espero que cada vez mais graduandos possam ter o prazer de participar de projetos como esse, pois moldam o caráter e expõem fatos sociais para os quais fechamos os olhos muitas vezes. Além disso, também podem ser essenciais para a progressão educacional, abrindo portas para bolsas em novas pesquisas, mestrado e etc.

## CAPÍTULO 4

# RUTE CRISTIANE VENANCIO NEVES

*“PET e o Acolhimento: Os Caminhos que me Transformaram”*

### Introdução

Saudações, sou Rute Cristiane Venâncio Neves estou aqui com muito prazer para compartilhar as minhas experiências como bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas na Universidade Federal da Paraíba. Então temos que voltar um pouco no tempo e iniciar a narrativa das minhas experiências pela escolha do propósito e objetivo do projeto no qual eu desejava atuar como bolsista, durante meu período de formação profissional no curso de licenciatura em Pedagogia Educação do Campo.

O início da minha trajetória no PET ocorreu quando eu estava no segundo período do curso de licenciatura e conheci através de uma professora, o Programa do Governo Federal que visava oferecer bolsas à estudantes de baixa renda para se dedicarem aos estudos e assim conseguirem um melhor desempenho acadêmico. Foi nesse momento que escolhi o PET, fiz a inscrição, mas não deu certo porque quando fui preencher o formulário, errei, e foi indeferida.

Nessa época fiquei bem triste, mas como estava no início do curso, certamente tentaria outra vez, foi então que no meio do ano de 2022 abriram novas vagas e logo tratei de certificar que nada daria errado, e preenchi o formulário, e assim, venci a

primeira etapa, inscrição aceita e homologada. Em seguida, vieram a prova e entrevista, finalmente, aprovada e integrada ao PET.

Então hoje, quero compartilhar com vocês minhas experiências no acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de acolhimento, as histórias vividas em duas casas-lar, onde jamais imaginei que minhas “andanças pedagógicas” poderiam gerar frutos tão bonitos.

Assim, finalmente em setembro de 2022, tiveram início as atividades do projeto, os primeiros encontros foram marcados por curiosidade mútua e descobertas das histórias de vida dos outros novos integrantes que entraram no mesmo período e com o contato com os acolhidos, a revelação dos desafios enfrentados pelas crianças e adolescentes acolhidos nas duas casas de acolhimento aqui em João Pessoa.

Foi nesse universo de histórias tocantes, que construí a minha própria história como bolsista, discente e cidadã, com histórias marcantes, exemplos de coragem e determinação e principalmente de superação.

A partir dessas histórias de vida e resistência, aprendi, e me transformei, através das experiências apreendidas nos mais diversos espaços onde o PET me levou como bolsistas, foi nas atividades de ensino, pesquisa e extensão do programa, que eu me encontrei, nas atividades, nos desafios e, principalmente, com as histórias de vidas das crianças e adolescentes que constatei a oportunidade de superar os desafios encontrados na minha trajetória como petiana.

Entre essas verdadeiras Odisséias, algumas deixaram marcas indeléveis em meu caminho como bolsista e futura Pedagoga, e são essas histórias que agora anseio dividir com vocês, e junto comigo, mergulhar nas minhas idas e vindas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.



A extensão foi a porta de entrada ao iniciar minha caminhada no PET, sendo a primeira atividade que desenvolvi, foi o atendimento às crianças e adolescentes para o reforço na leitura e escrita, através das mediações personalizadas. Assim, iniciei com duas mediações e a história de uma delas foi, sem dúvida, uma injeção de ânimo e vontade para que continuasse na caminhada.

Para narrar um pouco das nossas trocas de experiências, a chamarei aqui de Lua, que foi minha primeira experiência como mediadora, ela apresentava necessidades específicas de leitura, escrita e acompanhamento fonoaudiológico.

Durante nossos encontros, ela sempre foi muito dedicada, sempre se desafiando a cada nova etapa, indo além das atividades propostas, movida por uma vontade férrea de aprender: queria ler e escrever para trabalhar e construir uma vida melhor. Lembro-me da sua curiosidade insaciável por cada palavra, da persistência inquebrantável diante das atividades e dos erros que não a fizeram desistir, lembro-me como se fosse hoje da alegria radiante a cada conquista.

Lembro dos seus sonhos de ter uma família, de conquistar um bom emprego e ter uma casa, todos compartilhados comigo, e do carinho e gratidão expressos na cartinha de despedida emocionante que me deixou, quando foi reintegrada à família, com palavras tão determinadas sobre tudo que conquistou nas mediações e sobre o futuro próspero que atribuía ao conhecimento escolar: *“Oi tia Rute, eu sempre vou me lembrar de você e de tudo que fez para eu aprender a ler e escrever. Muito obrigada. Eu vou estudar e vou ser uma grande pessoa, porque você me ensinou tudo que eu sei.”*

Porém na vida, sabemos que nem tudo é feito só de felicidade, encontramos desafios e obstáculos que, mesmo não superados, trazem valiosos aprendizados. Foi assim que, em minhas

andanças pelas casas de acolhimento, conheci uma adolescente de 13 anos que aqui vou chamar de Sol. À primeira vista, Sol parecia não nutrir sonhos nem almejar um lugar no mundo.

Nos nossos momentos de troca de experiências, ela não demonstrava desejos ou aspirações, foram raros os dias em que por poucos instantes ela deixou seus sentimentos transparecer, mesmo assim, sua doçura, fragilidade e a resiliência silenciosa capturaram minha atenção e despertaram profunda admiração. Ela dizia que aquele momento da sua vida tinha uma razão, e mesmo sofrendo muito, resistiu firme ao afastamento da mãe, a saudade do seu quarto, da sua vida normal, e buscou superar as dificuldades da adolescência e vencer o período no acolhimento.

Ao longo desse percurso que já se aproxima dos três anos, muitas outras histórias cruzaram a minha e deixaram sua marca, sem dúvida, cada uma trouxe uma contribuição imensurável para minha história pessoal e profissional, tendo as atividades de extensão como pano de fundo de cada uma delas. Poder acompanhar os sonhos e apoiar nas frustrações, essas crianças e adolescentes que vivem em um universo de tanta vulnerabilidade e insegurança, e ver no programa desenvolvido pelo PET uma possibilidade concreta de superação das dificuldades que essas crianças e adolescentes enfrentam é sem dúvida uma experiência transformadora.

Assim, os desafios encontrados nas partilhas durante as atividades de extensão do PET foram um combustível para me guiar rumo ao encontro de uma rota segura e fértil, para auxiliá-los a construir seu próprio caminho, visando uma trajetória segura e saudável.

**Imagem 14** – Atividade de mediação pedagógica



Fonte: Própria do autor

Foram nas mediações pedagógicas através de atividade pautadas nas dificuldades educacionais dos acolhidos, nas oficinas e visitas a universidade, que as crianças e adolescentes tiveram a chance de se desenvolver e criar suas próprias formas de aprender, de ver o mundo e conhecer possíveis espaços onde a educação pode levá-los, sendo uma maneira de incentivar o gosto por estudos.

As mediações pedagógicas nas casas de acolhimento ocorrem de acordo com a demanda das casas, de um acompanhamento personalizado oferecido às crianças e adolescentes que enfrentam alguma dificuldade no processo de escolarização, que podem ser desde a distorção idade–ano, analfabetismo, evasão escolar ou até ausência de uma frequência mínima.

Assim, ao longo desses anos como bolsista do PET posso afirmar que as mediações são o principal instrumento que utilizamos para alcançar os acolhidos, e desse modo, criar um vínculo que será um elo para sua educação.

As trajetórias e transformações vividas nas casas com as crianças e adolescentes tanto nas mediações quanto nas ativida-

des práticas que fugiam da rotina de estudar, tiveram uma aplicabilidade muito importante na minha trajetória profissional e pessoal.

Todas as idas e vindas nas mediações, nas oficinas, nos encontros para estudos e muitas outras experiências, renderam reflexões acerca de quem eram as crianças e adolescentes com quem lidamos em nossas atividades, quais as necessidades que eles nos apresentavam? E como nós, podemos (ou devemos?) agir para juntos com eles, encontrarmos um percurso mais suave e com a real possibilidade de serem felizes.

Todas essas reflexões e ponderações acerca delas, renderam frutos, que se materializaram em pesquisas, resumos e trabalhos apresentados, essas considerações e as possíveis respostas à todas essas perguntas, e muitas outras, e as análises, os estudos e a escrita de trabalhos acadêmicos, enriqueceram nossos conhecimentos sobre a educação, formação humana, dificuldades educacionais e os desafios dos caminhos de quem trabalha com a educação em espaços que atendem o público de alta complexidade.

As trocas de ideias, dúvidas, certezas e principalmente incertezas sobre como cada um de nós, e lógico eu, poderia contribuir para a mudança de perspectiva de vida daquelas crianças e adolescentes, que escrever no início foi um desafio. E isso, por falta de experiência na escrita acadêmica e, muitas dúvidas sobre meu olhar acerca de tudo que significa estar em contato direto com os acolhidos, nas atividades nas casas, e de que modo a pesquisa poderia auxiliar na resolução de alguns dos entraves que os acolhidos enfrentam diariamente.

Durante a elaboração dos textos, resumos e planejamentos para pesquisa, essas vivências e a necessidade de buscar respostas para as inquietações que surgiram durante as atividades,

foram o combustível para as engrenagens da máquina do saber, da crítica e investigação.

Além disso, nem todas as respostas foram dadas, ou mesmo, as que foram dadas podem não ter sido suficientes para sanar as inquietudes que surgem do convívio com desigualdades, abandono e negligência, resultado das desigualdades sociais, o que causa a fragilidade de milhões de famílias brasileiras.

Uma coisa eu sei bem, nesse trajeto de saberes, de altos e baixos, de sabores doces e amargos, o que mais me marcaram foram os adocicados conhecimentos e novos horizontes alcançados nos mais diferentes campos do conhecimento humano, fruto dos estudos para a escrita dos trabalhos e preparação das apresentações nas atividades de pesquisa do PET.

A pesquisa é uma das atividades que desenvolvemos no decorrer da nossa formação acadêmica, e que no PET adquiri uma faceta que vai além da escrita de uma acadêmica, ela se transforma em vislumbre de mudança para milhares de crianças e adolescentes em situação de acolhimento pois pode revelar a real situação de estar em uma instituição.

Durante esses anos como bolsista desenvolvi juntamente com meus colegas a árdua, porém recompensadora, tarefa de procurar respostas às indagações que surgiram nas diversas atividades como petiana.

**Imagem 15 – Reunião de estudos e pesquisa**



**Fonte:** Própria do autor

Como todo itinerário, o que percorri teve trechos tranquilos e outros, nada fáceis, foi preciso ter garra e determinação frente a sonhos despedaçados pela violência e ausência do cuidado familiar. Nesse momento, recordo minha própria infância, que foi marcada pela abstração da presença dos meus pais, da ausência de atenção frente aos obstáculos educacionais vividos no período escolar.

Então, nesse cruzamento entre as minhas experiências no PET, e das crianças e adolescentes nas casas de acolhimento, entre o “PET e o Acolhimento: Os Caminhos que Me Transformaram”, sei que construímos laços de amizade, respeito, e saberes trazidos pelas crianças e adolescentes, que foram divididos especialmente nos momentos de lazer e brincadeiras.

Foi lindo descobrir junto o prazer de ler, a alegria em participar da brincadeira, de vê-los se transformarem em um personagem imaginário, que tem super poderes e para alguns deles, quem sabe, até ter uma família para cuidar, e acolher, que respeita e, acima de tudo, protege dos perigos e sofrimento. Foram muitas as narrativas em formato de desenho que me conduziram a sondar sobre quem eram aquelas crianças e adolescentes tão sofridos e ao mesmo tempo resilientes.

As maiores dificuldades encontradas durante esses anos como bolsista no PET nas atividades de **ensino**, foram relacionadas às necessidades de cuidado, atenção, carinho e a estabilidade emocional que uma família proporciona. Em alguns momentos, a falta de controle emocional frente às situações de violência e abandono vivenciadas pelas crianças e adolescentes, apontaram na falta de vontade de participar das atividades em alguns momentos durante as mediações, nas oficinas, e em outras atividades vivenciadas como bolsista no PET.

As dificuldades de comunicação e convivência dos acolhidos com os cuidadores, com os profissionais especializados e entre eles próprios, sempre foi um dos desafios mais difíceis encontrados nas atividades de ensino com as crianças e adolescentes que estão sob os cuidados do Estado em instituições de acolhimento.

As situações como brigas, discussões em diversos momentos impediram a aplicação da atividade de ensino, pois ocasionava instabilidade e dificultava a concentração dos acolhidos.

Porém, com perseverança e determinação, todas essas dificuldades foram superadas e após ultrapassadas, evidenciei que existe sim a possibilidade dessas crianças e adolescentes, a partir das práticas educacionais que respeite suas dificuldades e potencialize seus conhecimentos, chegar a uma formação que lhes ofereça ferramentas para construir um caminho seguro, onde o saber lhes permite fazer as suas próprias escolhas, baseados nos seus sonhos e necessidades. Nós, enquanto estudantes de uma universidade pública, a escola e o Estado, temos o dever de incentivar voos cada vez mais altos para essas crianças e adolescentes alcançarem o mundo, que só poderão conseguir através da educação.

## Considerações finais

Por isso, ao iniciar a escrita deste relato, muitas dúvidas surgiram e outras ressurgiram, mesmo assim, uma enorme certeza ficou – dever cumprido! Ter o orgulho de vê-los transpor os obstáculos e desafios que surgiram tão cedo nas suas trajetórias, poder afirmar que as atividades de ensino proporcionada pelo PET com as crianças e adolescentes nas casas, foram a ponte que ligou o retorno da autoestima e amor próprio, o combustível para alavancar suas vidas.

Assim, uma das lições mais valiosa que vivenciei foi a de superar os meus próprios medos, encarar de frente os desafios e buscar forças, na vontade de viver dessas crianças e adolescentes, alimentando os meus sonhos enquanto profissional em formação, mas também, e principalmente, os desejos, anseios e necessidades dos acolhidos.

Na minha trajetória percorri sempre procurando novas alternativas, ideias e soluções para os problemas e obstáculos que surgiam a cada nova atividade seja de ensino, pesquisa ou extensão nas casas. Muitas vezes pode ter sido extremamente difícil não me envolver ou sentir um pouco da aflição e tristeza de estar longe do seu povo, das pessoas que você conhece e te conhecem também, da comunidade ou mesmo do seu espaço por menor que ele seja, mas que é seu lugar.

Então, após esse longo caminho percorrido, hoje enxergo a importância do PET Conexões, para a construção da autonomia e autoestima dos acolhidos e como as atividades foram fundamentais para se tornarem protagonistas da sua própria história. Em particular, para mim, foi um desafio em potencial, lidar com as dificuldades sociais, emocionais e educacionais das crianças e adolescentes nas casas de acolhimento.



Foram muitos, e variados, os sentimentos que me tomaram nesses anos de atuação como bolsista do PET, e o que mais me marcou foi o carinho, respeito e dedicação que experimentei. Enfrentei dias ruins e o medo de não conseguir ser a profissional que as crianças e adolescentes mereciam ter, para junto com eles, lutar contra todas as injustiças que a vida lhes impôs, pois estão na idade de serem cuidados e principalmente, respeitados.

Na formação da identidade dos acolhidos, os processos educacionais e as práticas pedagógicas têm o papel de promover a sua autoestima e produzir frutos para uma vida pacífica e digna.

As experiências vividas com certeza forjaram a profissional que sou, e me transformaram como ser humano, que se preocupa com os anseios de seus pares enquanto sujeitos de direito, que merecem viver com dignidade e respeito de acordo com preconiza a Declaração dos Direitos Humanos “Artigo 1. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

## CAPÍTULO 5

# ANA LUÍSA GONZAGA FERREIRA

**“Educação Tutorial e Saúde: vivências do acolhimento na perspectiva da Enfermagem”**

### Introdução

Meu nome é Ana Luísa Gonzaga Ferreira, sou graduanda de Enfermagem e me encontro no oitavo período do curso de graduação de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem, ofertado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Faço parte do Programa de Educação Tutorial–PET Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas há cerca de 1 ano, apesar da pouca experiência, as vivências no programa me mostraram um novo horizonte.

Conheci o PET através de uma amiga que já foi bolsista do programa, apesar do trabalho árduo, mas incrível, que o PET realiza, não há muito conhecimento na universidade, principalmente pela bolha da área da saúde. Ela me explicou como o projeto funcionava, e que era um trabalho delicado, pois as crianças em situação de acolhimento apresentavam certas especificidades, que eu só entenderia na prática. Na época eu estava cursando a disciplina de “Saúde da criança e do adolescente II”, e procurava um projeto, pois havia me apaixonado pela disciplina, e gostaria de dar continuidade ao meu aprendizado.

Realizei a prova e a entrevista em maio de 2024, após semanas de estudo, a felicidade e euforia vieram ao ver o meu nome na lista de classificados, sendo esse o início da minha jor-

nada no PET. A satisfação de ver seu nome na lista de aprovação é só o começo, você só compreende a totalidade do programa quando o adentra, pois as suas experiências vão te aprimorar de forma constante.

É importante destacar que as casas de acolhimento não funcionam como um orfanato, e que não possuem relação com instituições de medidas socioeducativas para crianças e adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece os direitos e deveres das crianças em todo o território nacional, as crianças acolhidas tiveram esses direitos violados, os pais ou responsáveis violam esses direitos, seja por a criança estar em situação de vulnerabilidade social e econômica, não frequentar a escola, e situações graves de abuso físico e psicológico.

Assim, a sua finalidade é assegurar os direitos de crianças e jovens de modo a abrigá-los de forma temporária, pois o foco é que estes sejam reintegrados a sua família de origem quando estes se restabelecerem e possam cuidar das crianças e adolescentes de forma adequada. A casa é repleta de profissionais que se responsabilizam por tornar a rotina das crianças e adolescentes, o mais comum possível, estas contam assistência de pedagogos, psicólogos, e os educadores que realizam o cuidado diário, além da equipe de alimentação e limpeza.

Atuar nas casas de acolhimento é algo único, apesar do conhecimento prévio sobre as especificidades das crianças, a importância das ações do projeto se reconhece na prática.

## **Atividades desenvolvidas**

O programa PET – Protagonismo juvenil em Periferias Urbanas, dispõe de atividades variadas, devido ao fato de não ser restrito a um curso único, pois os resultados das interven-

ções do programa são provenientes de uma ação multiprofissional, com o viés social e educativo.

Ser estudante da área da saúde, mais especificamente de Enfermagem, me levou a desenvolver uma visão mais holística acerca das ações com as crianças e adolescentes.

Ao discorrer acerca da profissão de um enfermeiro, o primeiro pensamento é a assistência, o profissional realiza anamnese, exame físico, administrar medicamentos, realizar curativos e diversos outros procedimentos, acompanha o paciente até a sua melhora, avaliando, visando o seu conforto e bem-estar.

Essa visão não é errônea, mas se deve desenvolver uma maior compreensão sobre a extensão e variedade de áreas que a envolvem a profissão, no entanto, independente do caminho escolhido. A educação é uma de suas funções intrínsecas, a enfermagem atua educando o paciente em relação a sua patologia e a manutenção do autocuidado, na promoção da saúde e prevenção de agravos, buscando aprimorar a qualidade de vida desse indivíduo, mas sendo esta também uma ação que visa mudanças sociais, impactando na saúde da população como um todo.

O impacto da enfermagem consiste na educação em saúde apresentando conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, mudanças na sexualidade e corpo destas crianças e adolescentes, patologias comuns, higiene e saúde, e até mesmo trazendo discussões sobre a saúde mental e o manejo de suas emoções, buscando de forma ampla a promoção do autocuidado.

A saúde da criança e do adolescente, assim como a educação, é algo que deve ser assegurado pela sociedade, como também trabalhado com as crianças para que desenvolvam a sua autonomia e reconheçam seus direitos.

As ações de ensino e extensão desenvolvidas pelo programa, são correspondentes as oficinas temáticas em saúde, que ocorrem uma vez ao mês nas casas de acolhimento. Os bolsistas

realizam uma prática de intervenção educativa com temas variados, elaborados a partir de diálogo com as coordenações das casas de acolhimento., pois as ações devem responder às suas demandas, assim como por necessidades observadas pelos próprios estudantes ao longo de suas ações.

As mediações são relacionadas ao acompanhamento semanal de uma criança ou adolescente visando a tutoria, guiando-o na realização de atividades de Português e Matemática básica, auxiliando o mediado(a) na escrita, leitura, interpretação textual, e no entendimento das quatro operações básicas, adição, subtração, divisão e multiplicação.

O prosseguimento das atividades relacionadas ao ensino básico de português e matemática é feito através de diálogo com a escola do mediado e de diagnose realizada por nós como um primeiro contato, nas escolas nós conversamos com as pedagogas e professoras das crianças, para ter um maior entendimento acerca do déficit de conhecimento, e investigamos as lacunas de aprendizagem evidenciadas em nossa diagnose.

De modo geral, em sua maioria os jovens não conseguem formar palavras de forma correta, e leem com muita dificuldade, não conseguindo muitas vezes entender o que está escrito. Essa falha no aprendizado está diretamente relacionada com a situação de vulnerabilidade e violação dos direitos que os levaram para as casas de acolhimento. A negligência em seus cuidados impacta negativamente o desenvolvimento da criança e do adolescente de forma holística, e solucionar essas problemáticas é um caminho árduo, muitas vezes lento, mas é gratificante e não deve ser considerado impossível.

As atividades relacionadas às Oficinas em Saúde, permitem que os discentes aprimorem os seus conhecimentos na área, isto é, no momento em que você ensina algo, deve ter embasamento científico para passar as informações corretas, ao mesmo

tempo em que desenvolvem as suas habilidades de transmissão do conhecimento levando em consideração o público que está recebendo essa informação.

As crianças nas casas de acolhimento possuem idades variadas, em média entre 4 e 17 anos, então não absorvem determinadas informações da mesma forma, e o conteúdo deve ser adaptado para atender a todos.

Um tema bastante recorrente nas casas, principalmente por parte das crianças menores, é de “Higiene”, e para envolver a todos, sempre buscamos formas lúdicas de abordar a temática, relacionar os agravos da falta de higiene a possíveis patologias.

Tendo como exemplo as oficinas de “Higiene e saúde”, o principal objetivo é evitar a proliferação de fungos e bactérias, e na discussão, levamos em consideração as diferenças de gênero, debatendo sobre higiene masculina, pois a higiene adequada da região íntima é fundamental para prevenir infecções comuns, como a candidíase e a balanite (inflamação que atinge o prepúcio ou a glândula) até doenças mais sérias, como o câncer de pênis.

A má higiene íntima é considerada um dos fatores de risco desse tipo de câncer, assim como a feminina, sendo importante explicar que o canal da vagina (parte interna) é autolimpante, por isso, não há necessidade de limpá-lo, enquanto a parte externa (vulva) deve ser higienizada diariamente com água e sabão, como forma de prevenir a candidíase e a infecção urinária, e até mesmo acerca do uso correto de absorventes e sobre o fluxo menstrual.

A prática do autocuidado surge a partir do conhecimento, não há saúde sem educação, e essa prática de letramento em saúde deve vir a partir da base, só é possível questionar aquilo que se conhece, dessa forma, a falta de informação é um obstáculo direto ao aprendizado.

Uma ação que surgiu dessa necessidade de autoconhecimento, do saber para questionar, foram as mediações de saúde com temática de “Sexualidade e corpo”, sendo uma demanda de duas adolescentes que residiam numa das casas de acolhimento atendida pelo PET.

A tutoria tinha como foco discorrer sobre as seguintes questões: Saúde e sexualidade, Puberdade, mudanças corporais que ocorrem na adolescência com ênfase no desenvolvimento feminino que era o nosso público alvo, abarcando as questões de: Gênero e sexualidade, Sistema renal e a infecção urinária (mais prevalente em mulheres), Hepatites virais, infecções que impactam negativamente no funcionamento do fígado que podem ser transmitidas de forma sexual/parenteral; Sistema cardiovascular, o funcionamento da nossa bomba ejatora de sangue e problemas cardíacos, Câncer de mama, como ocorre o desenvolvimento de células cancerígenas e seus efeitos no corpo, rastreio da doença, tipos de exame, e tratamentos; Transtornos psicológicos e sexualidade, explicando a anatomia do sistema neurológico, suas funções, e como transtornos de ansiedade e depressão podem interferir no cotidiano ao desconfigurar o funcionamento de hormônios, inclusive os sexuais.

**Imagem 16** – Oficina de Educação em Saúde com foco em higiene



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2024.

Tais ações tiveram como pontapé inicial a demanda destas adolescentes, e apesar de trabalharmos com temas específicos, elas também tiveram autonomia para escolher temáticas de seu interesse de aprendizado.

A liberdade de escolha permite um maior interesse por parte das crianças e adolescentes, sendo importante compartilhar o conhecimento com eles de forma lúdica e interessante.

Todas as mediações continham recursos imagéticos e dinâmicas de introdução do tema, assim como de fixação do conteúdo ministrado, para deixar a mente fluir, e para que visualizem as diversas possibilidades de mundo que se abrem com a educação em saúde.

No que diz respeito ao pilar da pesquisa que sustenta o tripé universitário, ao longo de minha permanência no projeto, estamos a desenvolver a segunda pesquisa, a primeira investigação e produção de conhecimento com base científica abordou a temática da “Família Acolhedora”.

A referida modalidade é uma alternativa à institucionalização dos menores em situação de vulnerabilidade cujos direi-



tos estavam sendo negligenciados e se encontravam em situação de risco.

A modalidade de família acolhedora consiste no acolhimento por parte de uma família que se voluntaria a abrigá-los por até 2 anos, o objetivo não é uma adoção, mas sim inseri-los em um ambiente que relembra a dinâmica do convívio familiar.

A pesquisa inicial teve como foco investigar os meios de orientação sobre o serviço de família acolhedora, seu funcionamento, seus parâmetros e benefícios para os jovens.

Para tanto, realizamos uma análise documental dos parâmetros para funcionamento do serviço de família acolhedora a partir do guia de acolhimento familiar pela Secretaria Nacional de Assistência Social do Ministério da Cidadania.

A pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, e de cunho bibliográfico, teve como base principal de discussão orientações procedidas no guia 2 de Acolhimento Familiar, intitulado “Guia de Acolhimento Familiar: Implantação de um Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora”.

O tempo previsto para a realização do estudo foi de 6 meses, de julho a dezembro de 2024.

A elaboração do projeto de pesquisa consistiu na definição do tema e objetivos geral e específicos, levantamento bibliográfico, justificativa da pesquisa, a fundamentação teórica com a comparação e validação das teorias abordadas, desenvolvimento da metodologia do estudo para posterior coleta e análise de dados para composição do relatório final da pesquisa.

A construção da pesquisa demonstrou que é necessário compreender os parâmetros de funcionamento do programa e a sua finalidade para discutir suas questões com propriedade, pois a implantação do Serviço de Família Acolhedora (SFA) pode sofrer alterações a depender do território.

As especificidades da região, questões culturais e sociais, impactam na execução do serviço, pontos negativos observados se relacionam a falta de discussão sobre o programa e de divulgação para a comunidade, falta de fiscalização e monitoramento. A investigação demonstrou a necessidade de fortalecimento de políticas públicas para apoiar as famílias voluntárias, a prevenção do afastamento do convívio familiar.

O aprimoramento do SFA é necessário, mas os impactos positivos do serviço não podem ser esquecidos.

Devolver a esses jovens a possibilidade de ter um convívio familiar é muito positivo para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, seja do ponto social, assim como de seus aspectos emocionais, físicos, e psicológicos, criando um vínculo entre os envolvidos e estimulando a melhora em sua comunicação, visando minimizar os traumas vivenciados por eles durante o período anterior ao acolhimento.

Ainda no eixo da pesquisa, a qual estou desenvolvendo, se vincula à área de Enfermagem psiquiátrica, com a finalidade de realizar uma intervenção educativa para com os educadores das casas de acolhimento em relação a administração dos psicotrópicos em crianças e adolescentes acolhidos.

O diagnóstico desses indivíduos, que viabiliza o uso desses fármacos, é obtido a partir de laudo médico emitido pelo Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, localizado na Paraíba.

O projeto de pesquisa foi intitulado “Educação em Saúde Mental: Orientação de Educadores em Casas de Acolhimento Sobre o Uso de Psicotrópicos em Crianças e Adolescentes”.

O público alvo da pesquisa são os educadores que trabalham nas casas de acolhimento, sendo estes os profissionais na linha de frente do cuidado para com as crianças e adolescentes,

pois costumam estar na instituição diariamente, sendo escalados para plantões diurnos e noturnos.

O educador tem como função principal prestar assistência para os acolhidos em suas atividades diárias, monitorando questões de alimentação, saúde, educação e higiene.

Assim, sendo guiados pelos psicólogos da casa, os educadores são responsáveis por administrar os fármacos nas crianças de acordo com a prescrição médica.

A problemática da pesquisa se mostrou uma demanda das casas, tornando-se necessária e relevantes a investigação acerca do conhecimento dos profissionais referentes às medicações administradas, no que diz respeito ao horário, dose, finalidade do uso, e quais os efeitos adversos que podem surgir, como sonolência, alterações no apetite, ganho de peso, náuseas e vômitos.

O uso de psicotrópicos provoca alterações no sistema nervoso central, cujos efeitos variam conforme o tipo de fármaco, dosagem, via de administração e características individuais do usuário.

Dado que esses efeitos podem ser terapêuticos ou prejudiciais, é essencial que os responsáveis pela administração em crianças e adolescentes adotem um monitoramento rigoroso de seus sinais e sintomas.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, torna-se possível orientar os educadores de casas de acolhimento, e investigar o seu conhecimento acerca da temática, contribuindo para administração e supervisão adequadas do uso de psicotrópicos por crianças e adolescentes, garantindo a segurança na administração.

Como continuidade do eixo do tripé universitário relacionado a pesquisa, temos a publicação de trabalhos científicos

em eventos acadêmicos, que são de grande relevância para a comunidade acadêmica, assim como para o meio social.

Os trabalhos acadêmicos foram submetidos em eventos nacionais e regionais com o objetivo de promover o debate entre grupos PET de universidades diversas.

Aqui evidenciamos os eventos que fortalecem a troca de experiências e possibilitam reflexões sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão no âmbito dos grupos PET: o ENAPET, ENEPET e ENID, conforme imagem 17 a seguir.

**Imagem 17** – Participação no ENID: Tutora e bolsistas



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2024.

A escrita de trabalhos para publicação em eventos aprimora as habilidades dos bolsistas no quesito da produção científica, além de ser benéfico para exibir as atividades do PET para a comunidade, valorizando as ações desempenhadas pelo programa nas casas de acolhimento, refletindo acerca dos impactos positivos de suas ações para a sociedade.

Os resumos expandidos publicados nos eventos citados acima tinham como foco debater as atividades desenvolvidas, na área da saúde. Relatamos as oficinas e mediações educativas com foco na saúde e bem-estar das crianças e adolescentes.

Discorrer sobre as atividades realizadas no projeto no viés da saúde, corrobora para o entendimento de que as ações se entrelaçam com a atenção primária à saúde, ensinar sobre autocuidado, definir seus limites com a educação para a não violência, debater sobre infecções sexualmente transmissíveis, noções de primeiros socorros, e as diversas outras temáticas citadas, coloca em ênfase a promoção à saúde e prevenção de doenças e agravos.

O conhecimento não se restringe aquele espaço, além de colocar em prática hábitos saudáveis e cuidados adequados em seu cotidiano, as crianças e adolescentes podem passar o que aprenderam adiante. Além disso, as atividades educativas em saúde integram os princípios do Sistema Único de Saúde-SUS, assegurando que a saúde é um direito de todos.

### **Dificuldades e êxitos no desenvolvimento das ações**

As ações nas casas de acolhimento contribuem para a mudança de perspectiva desses jovens cujos obstáculos surgiram cedo na vida, e a educação em seus aspectos multidisciplinares pode mudar a realidade. No entanto, tal reconhecimento também se dá pelo fato de entender que a realidade é árdua, e muitas vezes o trabalho dos petianos não vislumbra os resultados de forma imediata.

A primeira barreira encontrada é a de aceitação e cooperação dos acolhidos, muitas vezes a situação que os levaram até o acolhimento os deixam mais fechados para o mundo, introspectivos, agressivos, e tendem a negar ajuda. Essas características muitas vezes podem tornar as mediações e oficinas muito delicadas, pois é difícil fazer com que participem, as atividades são uma troca, precisamos sanar dúvidas, identificar o que eles compreenderam do assunto, mas em alguns dias essa troca pode

não ocorrer, e muitas vezes devido a emoções não manejadas de forma adequada, que levam a brigas entre si no momento de dinâmica, comportamentos desafiadores, e silêncio em momentos de diálogo.

Outro desafio enfrentado é o de se fazer entender, isto é, na graduação em enfermagem aprendemos sobre saúde de forma aprofundada, os conteúdos envolvem anatomia, fisiologia, farmacologia, mas, eu me questionava: “Qual a fórmula para explicar de forma simples e completa para estas crianças e adolescentes, e ainda captar o seu interesse a todo o tempo?” A resposta é simples, não há uma fórmula, as crianças por vezes irão ficar dispersas, agitadas, podem não compreender tudo o que falamos, porém, a mágica do trabalho está no nosso preparo e adaptação ao ambiente, tentarmos sempre ser dinâmicos no ensino, e estimular o diálogo e a participação de todos.

### **Sugestões considerando os três eixos: ensino, pesquisa e extensão**

O PET sustenta-se a partir dos três eixos: pesquisa, ensino e extensão. Ao integrar estudantes de diversas áreas acadêmicas se entende que a riqueza na atenção às casas de acolhimento se deve a lacunas que não podem ser sanadas apenas por uma área de conhecimento específico

Do ponto de vista da saúde, mais especificamente de enfermagem, é perceptível que as crianças e adolescentes acolhidos necessitam de uma cobertura de saúde mais pontual, e educação para a não violência e saúde mental, são reforçadas.

Déficits no estado de saúde das crianças são perceptíveis, algumas enfrentam dificuldades na execução adequada da higiene pessoal. Uma abordagem interessante para as oficinas de saúde, poderia envolver a comunicação entre a casa, o PET, e

profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde (UBS) de modo a propor ações que visem a continuidade no cuidado voltado para a pediatria.

### **Considerações finais**

A partir dos apontamentos feitos neste capítulo, é possível perceber a riqueza das ações do referido Programa por ser multidisciplinar, promovendo aprendizado e troca de experiências sobre a realidade das crianças e adolescentes que residem nas casas de acolhimento.

As estratégias de ação em saúde envolvem a análise dos determinantes sociais de saúde de um indivíduo, isto é, olhando para ele de forma individualizada, considerando suas especificidades para o cuidado, e dentro das casas de acolhimento, isto parte também para uma visão coletiva da saúde.

A enfermagem atua na promoção da saúde, prevenção de agravos, e em sua recuperação, para os acolhidos, o objetivo é retratar aspectos importantes para a sua saúde, preservando o autocuidado e a sua autonomia, garantindo que eles tenham acesso ao conhecimento para atender às suas demandas, sendo eles sujeitos ativos em seu cuidado.

A comunicação da saúde com outras áreas, permite assegurar que essas crianças e adolescentes terão seus direitos como garante o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e o caminho do programa objetiva promover uma atenção ampla para os acolhidos, de modo a torná-los cidadãos ativos e conscientes para sua inserção na comunidade.

## CAPÍTULO 6

### MICHELE MARTINS DA COSTA

**“Direito à educação e à cultura: Minha trajetória  
como petiana sob o olhar da Pedagogia”**

#### Introdução

**O**lá, meu nome é Michele Martins da Costa, como sugere a autoria do capítulo, e sou, no presente momento, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e bolsista do Programa de Educação Tutorial, Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas – Conexões de Saberes, mais conhecido pela comunidade acadêmica como PET.

Minha trajetória no projeto é semelhante à de alguns colegas já descritos: ingressei na universidade em 2022, já no retorno às aulas presenciais, e, posteriormente, comecei a trabalhar como estagiária na Brinquedoteca do Centro de Educação da UFPB. Foi por meio desse estágio que conheci a professora Maria da Conceição, tutora do PET, que posteriormente foi também minha docente na graduação, embora, na época, eu desconhecesse seu vínculo com esse incrível projeto.

Meu período como estagiária foi mais curto do que o esperado, pois decidi que gostaria de dedicar-me à pesquisa e ao ensino. A partir desse ponto, conheci o projeto em 2024, por meio de uma publicação de divulgação da Biblioteca do Centro de Educação sobre o processo seletivo.

Esse foi meu primeiro contato e o início dos estudos que despertaram em mim grande interesse, sobretudo por se tratar



de uma iniciativa voltada à educação não formal, diferenciando-se da maioria dos projetos desenvolvidos no âmbito da graduação em Pedagogia na UFPB.

Assim, sendo bolsista há pouco mais de um ano, apresento neste relato minhas experiências e aprendizados, que foram diversos, principalmente no campo das políticas públicas para a educação e para a garantia dos direitos da criança e do adolescente.

### **Da casa de acolhimento**

O contato com o projeto despertou em mim a curiosidade pelo entendimento e estudo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/1996, assim como do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e da própria Constituição Federal de 1988. Esse sentimento se justifica pelo objeto de estudo e público atendido pelo projeto: as crianças e adolescentes em Acolhimento Institucional.

Recordo, no momento do meu ingresso no projeto, quando uma colega, também do curso de Pedagogia, perguntou se eu iria trabalhar com jovens em medidas socioeducativas, revelando um desconhecimento da própria comunidade acadêmica sobre um importante campo de atuação do pedagogo na sociedade.

Logo, esclareço, à luz do ECA, que o serviço de acolhimento institucional é uma medida tomada pelo Estado que visa zelar pela integridade do menor de 18 anos que foi exposto a situações de violação de direito por seus pais ou responsáveis, sendo de caráter temporário, visando a reintegração familiar e o gozo do indivíduo ao convívio familiar, salvo em situações em que isso não é possível.

Como bolsista atuante nesses ambientes, no município de João Pessoa-PB, não posso deixar de destacar os grandes desafios e as potencialidades do trabalho com um público tão vulnerável e marginalizado socialmente.

O projeto PET tem como base os três grandes eixos da pesquisa, ensino e extensão, sendo as ações de ensino e extensão materializadas por meio da oferta de oficinas de caráter pedagógico com a comunidade atendida e por meio de mediações, como atendimentos individuais com acolhidos, pautados na superação de dificuldades educacionais apresentadas pelos menores, uma espécie de “reforço escolar”.

As mediações são encontros semanais realizados pelos bolsistas do PET com uma criança ou adolescente das casas de acolhimento e objetivam auxiliar nas demandas escolares apresentadas pelos acolhidos.

Essa atividade, do ponto de vista formativo, é de interesse para o contato com aspectos da docência, como: planejamento das atividades executadas, condução e apresentação dos conteúdos e também da avaliação contínua do mediado e da própria prática enquanto profissional em formação.

Vale contextualizar a relevância de tal ação, considerando a distorção idade-série apresentada pela quase totalidade dos acolhidos, que dificulta a progressão da aprendizagem escolar. Não posso deixar de citar esse fator como o maior desafio na minha prática pedagógica: a alfabetização tardia de três, entre os quatro acolhidos pelos quais já fiquei responsável até o momento.

Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/1996 preze pela garantia da alfabetização plena até o 3º ano do ensino fundamental, a realidade, infelizmente, se mostra diferente para grupos negligenciados, e meu trabalho com a alfabetização

foi lento e desafiador, mas trouxe resultados modestos, satisfatórios.

Minha primeira mediada, uma menina de 8 anos, no seu primeiro encontro, mostrou-se muito prolixa e se recusava a fazer as atividades, no entanto, em nosso último encontro, já estava usando a letra cursiva e lendo com maior fluência, resultado de um esforço pedagógico em trazer para as mediações assuntos que fossem de seu interesse e cotidiano, como defendia o professor Paulo Freire.

Diante disso, como futura pedagoga, decidi adotar uma postura compreensiva e acolhedora, mesmo nos momentos mais difíceis, em que havia certa “birra”, pois percebi que boa parte de sua resistência era advinda de uma carência também emotiva.

Então, trabalhei com os seus interesses, trouxe atividades contextualizadas com o conteúdo escolar e com seus desejos em relação aos contos de fada e jogos. Posso me orgulhar dos resultados positivos e dos bons frutos conquistados, com a reintegração junto à família.

O mesmo ocorreu com meu segundo acolhido, um jovem de 15 anos com deficiência intelectual, com grande distorção idade-série, que não era alfabetizado, mas que, pelo curto período, mostrou-se capaz de reconhecer alguns fonemas e construções silábicas da língua.

Usei a mesma estratégia freiriana, ensinar a partir de um tema gerador, que, em nossos encontros, foi sobre o seu dia a dia na FUNAD, localizada em João Pessoa/PB.

Minha penúltima experiência não foi centrada na alfabetização e se realizou mais no âmbito da orientação pedagógica: um adolescente de 13 anos, extremamente engajado, mas com algumas dificuldades características do atraso escolar.

Foi meu período mais longo de mediação e mais gratificante: conseguimos trabalhar a autonomia, a construção de um projeto de vida, fazendo reflexões sobre o próprio cotidiano e vivência. Felizmente, há pouco tempo o acolhido realizou o processo de reintegração familiar, marcando mais uma experiência gratificante.

Atualmente, iniciei o processo de mediação com um garoto de 11 anos, que não é alfabetizado, como pude verificar em uma atividade de psicogênese da escrita<sup>2</sup>. Admito que a experiência não vem sendo simples: o acolhido apresenta um comportamento errático em relação aos estudos, revelando a “desistência” de seus educadores na educação regular, que não cobram melhoria no seu desempenho escolar.

Percebo que essa resistência parte do sentimento de incapacidade e baixa autoestima que comumente atinge esse público: não sentem que são capazes o suficiente para a progressão dos estudos, por sofrerem de uma lacuna na sua trajetória escolar que é consequência das situações de descaso e violação de direito vivenciadas.

Enquanto petiana e acadêmica de pedagogia interessada em educação popular, acredito que a mais provável hipótese para esse fenômeno seja a tendência do indivíduo em culpabilizar o seu fracasso como responsabilidade somente sua e não como um problema de ordem maior.

Esse tipo de fragilidade observada justifica a necessidade de criar espaços de diálogo para reflexão e fala dos sujeitos, possibilitando caminhos para leitura e transformação de mundo, cedendo espaço para o exercício da cidadania.

---

2 Psicogênese da escrita é uma teoria concebida pela psicóloga e pedagoga Emília Ferreiro que descreve os estágios pelos quais as crianças passam para compreender a lógica do sistema de escrita alfabética. A criança ao interagir com a língua escrita, constrói hipóteses próprias e passa por estágios (escrita pré-silábica, silábica e alfabética) até dominar a escrita convencional.

Uma das ações do projeto planejadas para atender essas demandas foi a proposta de visita mensal a diferentes departamentos e espaços do Campus I da UFPB, em João Pessoa/PB. Essa ação, nomeada como “Projeto de Vida”, pretendia incentivar o interesse dos acolhidos pela educação e pelo ingresso no futuro a uma instituição de Ensino Superior.

A ação acontecia em conjunto com professores e alunos de diversos cursos, como Educação Física e Computação, onde era mostrado aos acolhidos ações desenvolvidas pelo curso, além de apresentar as possibilidades de desenvolvimento acadêmico e profissional dentro do curso, de forma bastante lúdica, visual e palpável, objetivando o interesse e participação dos acolhidos.

Infelizmente, a ação precisou ser interrompida pelo programa, devido aos constantes obstáculos advindos das demandas das casas de acolhimento. Entretanto, optamos pelo caminho reverso e agora propomos levar um “pedacinho” da universidade para os acolhidos.

A ação que envolve o projeto de vida tem se dado em parceria com professores e estudantes de diversos cursos, com vistas a elaborar vivências semelhantes a ida à universidade, utilizando equipamentos, produtos e outros materiais que são levados às casas de acolhimento.

Uma dessas novas experiências foi a Oficina de Botânica, realizada por acadêmicos de Biologia da UFPB. Na oficina, foram apresentados diferentes tipos de plantas e alimentos, explicando suas características, usos e preservação, e foi incentivada a experiência de observação científica por meio de microscópios. Além de promover a educação ambiental, também manteve a essência da ação, mostrando-se uma boa alternativa diante dos desafios enfrentados pelo projeto.

A busca pela autonomia e protagonismo, sendo o principal objetivo do projeto, como já descrito, também se mostra

desafiadora, pois, infelizmente, devido às dificuldades enfrentadas pelos acolhidos, poucos se mostram receptivos, e comumente nos deparamos com alguma resistência ao propor atividades que saiam da “zona de conforto”.

Identifiquei essas dificuldades nas oficinas, que mantêm a proposta pedagógica de ampliar o repertório sociocultural das crianças e adolescentes, mas se mostram difíceis de serem realizadas pela desmotivação pessoal dos acolhidos, que, na maioria das vezes, relatam que “não servem para estudar”.

Às vezes, nós, como bolsistas, precisamos enfrentar problemas como baixa adesão, o que também se mostra um desafio na execução da proposta. Entretanto, a dificuldade não é sinônimo de fracasso, e, pelo contrário, resultados positivos são perceptíveis em cada oficina proposta.

As oficinas desenvolvidas seguem diferentes temáticas, mas reforçam a relação de pautas importantes da vida cotidiana com produtos culturais para facilitar a linguagem, como uso de livros paradidáticos, conteúdo audiovisual, brincadeiras e muito diálogo.

Nas oficinas, deixamos os acolhidos expressarem seus pensamentos, hipóteses sobre o assunto e sentimentos. Prezamos pelas diferentes linguagens: fala, desenho e escrita, considerando que muitos acolhidos têm dificuldade em expressar-se abertamente.

As adversidades também possibilitam a criação de alternativas na metodologia aplicada nas oficinas, exigindo de nós, enquanto bolsistas, capacidade de constatar o que funciona e o que não funciona com o público, quais são as potencialidades e quais são as fragilidades, exercitando a prática educativa com o pensamento científico.

Resultado desse processo de “reinvenção” foi a proposta de trazer oficinas mais práticas, onde a participação das crian-

ças e adolescentes fosse a mais ativa possível, com produção de um material feito por eles mesmos (desenhos, narrativas). Descobrir que quanto mais liberdade criativa e de criação de suas próprias produções, mais participativos e engajados os acolhidos se mostram.

Discernir pelas falas e atitudes posteriores dos acolhidos, mudanças de comportamento positivas, como melhor receptividade e respeito para com outros acolhidos com deficiência, para com o cuidado com o corpo e o ambiente, e, com o que mais tomou minha atenção para o âmbito da pesquisa, a capacidade de se expressar de diversas formas.

## **Da pesquisa**

Desde o ingresso ao projeto, fui contemplada com diversas oportunidades de produção científica. Em 2024, elaboramos, enquanto grupo, resumos expandidos para a submissão em 3 (três) diferentes eventos, já citados em capítulos anteriores. A temática das produções foram as oficinas educativas e as mediações pedagógicas realizadas pelos bolsistas.

Infelizmente, com exceção do evento do ENID/UPFB, nem todos os bolsistas conseguiram participar da apresentação dos trabalhos, devido ao custeio anual do Programa que não cobria todas as despesas, sendo este outro desafio que é pauta de discussão frequente entre os grupos PET, pois não consegue atender as demandas dos grupos.

Durante a participação no referido evento, observei muita curiosidade por parte dos professores avaliadores, que pouco sabiam sobre as casas de acolhimento.

No final de 2024 e começo de 2025, iniciamos a produção de projetos de pesquisa sobre os temas “família acolhedora” e “atuação de pedagogos em casa de acolhimento”. Ambas as pro-

duções são de natureza bibliográfica; os grupos ficaram responsáveis por mapear produções acadêmicas (teses, dissertações, artigos, documentos normativos) acerca dos temas e ponderar sobre esse levantamento de dados.

Fiquei responsável, ao lado de colegas bolsistas de Pedagogia, Letras e Enfermagem, pelo tema da atuação de pedagogos em casas de acolhimento. Essa produção, além de possibilitar o exercício mais aprofundado da escrita acadêmica, levantou a discussão sobre a escassez de material científico nas ciências humanas voltado para o estudo em instituições de acolhimento, e ainda mais, voltado para atuação do pedagogo nesses espaços.

Os projetos de pesquisa também resultaram na publicação e apresentação em encontros. Tive a oportunidade de representar meu grupo de pesquisa no encontro em Fortaleza/CE.

A experiência foi gratificante, além de retomar os pontos positivos, troquei diversas experiências com petianos de todo o Nordeste e consegui divulgar para a comunidade acadêmica o que está sendo feito em termos de ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal da Paraíba.

Também atuei nas discussões de pautas que afetam toda a comunidade de petianos, como políticas de incentivo à produção científica, visibilidade dos grupos dentro da comunidade acadêmica, possibilidades de ampliação do custeio, decisão da sediação dos próximos eventos, obrigatoriedade de cada grupo promover discussões relacionadas à cidadania, equidade de gênero e raça, entre outras pautas relevantes.

O grupo está na fase de elaboração e futura publicação de pesquisas individuais para o ano de 2026, considerando as experiências particulares da atuação de cada bolsista do PET.

A iniciativa tem como objetivo expandir a produção acadêmica sobre o acolhimento institucionalizado, julgando a perceptível escassez de produção científica na área. O projeto



também nos possibilitará a aproximação com temas mais específicos, com outros professores, já que a proposta é trabalhar com professores convidados para orientação.

Essa experiência resultará em outro livro do PET, tendo em vista que, como parte de nossa produção bibliográfica, há a tradição de uma publicação anual de um livro com todos os bolsistas do projeto. Mais uma obra a registrar e a celebrar as vivências e os saberes construídos dentro do programa.

### **Considerações finais**

Ao revisitar minha trajetória enquanto petiana, enxergo a relevância do projeto enquanto acadêmica e futura profissional da educação, mas também para minha formação enquanto pessoa.

Cada experiência vivida no PET reafirmou a convicção de que a educação é um caminho de transformação social. Educar vai além de repassar e revisar conteúdos: é acolher, escutar e acreditar na capacidade de cada sujeito de construir sua própria história.

O PET, ao articular ensino, pesquisa e extensão, aproxima a universidade das demandas da sociedade. Ao criar espaços de diálogo, o programa promove uma formação profissional sensível, crítica e comprometida com a transformação social.

## CAPÍTULO 7

# THAIS BATISTA SALES SILVA MELO

**“Educação: Dar esperança e restaurar sonhos”**

### Introdução

**O**lá, me chamo Thais Batista Sales Silva Melo. Brinco que carrego um nome grande demais, que homenageia toda a família, mas, na verdade, ele traz duas heranças distintas: o lado familiar bom, que me apoiou em cada passo, mesmo antes que eu entendesse o valor desse apoio; e o lado “ruim”, vínculos sanguíneos que existem apenas no papel, distante da vida real. Sou estudante de Enfermagem e bolsista do projeto PET, mas antes de chegar até aqui precisei atravessar caminhos que me moldaram, muitos deles marcados por escolhas difíceis.

Entre todas as decisões que precisei tomar, a de trabalhar enquanto estudava, foi a mais forçada e inevitável. Minha família não tinha condições de me sustentar em outra cidade, e, por isso, renunciar a tempo e até de alguns períodos do curso foi a alternativa que encontrei. Esse atraso, que na época pesava sobre mim como um fardo, hoje vejo como parte do caminho que estava destinado a percorrer. Quando encerrei meu contrato de trabalho, decidi que precisava de algo que, em vez de atrapalhar, contribuísse para minha trajetória acadêmica.

Assim como tantos outros estudantes que se tornam bolsistas, estive sempre em busca de oportunidades que conseguisse somar à minha formação e me conceder o suporte necessário para continuar a graduação longe de casa. Foi nesse momento que uma grande amiga, na época ainda estudante de pedagogia,

me enviou o post de inscrição do projeto. Eu não sabia ainda, mas aquela oportunidade representava a chance de unir meus conhecimentos teóricos a uma prática necessária, em contato direto com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Inicialmente, entrei como voluntária, desistindo de uma bolsa que recebia; mais tarde, conquistei minha vaga como bolsista pelo PET Protagonismo Juvenil.

Dentro do projeto, desenvolvi um lado de mim que considerava fraco: a arte de ensinar. Estar diante dos mediados, tentando explicar conteúdos, foi um desafio enorme. Sempre admirei meus professores da escola, em sua maioria mulheres que ajudaram a formar meu senso crítico e meu conhecimento, mas agora era eu quem ocupava esse lugar. A responsabilidade de fazer alguém compreender algo que, até então, parecia inatingível, exigiu de mim uma criatividade que eu mesma não sabia que tinha.

### **Mediações na casa de acolhimento**

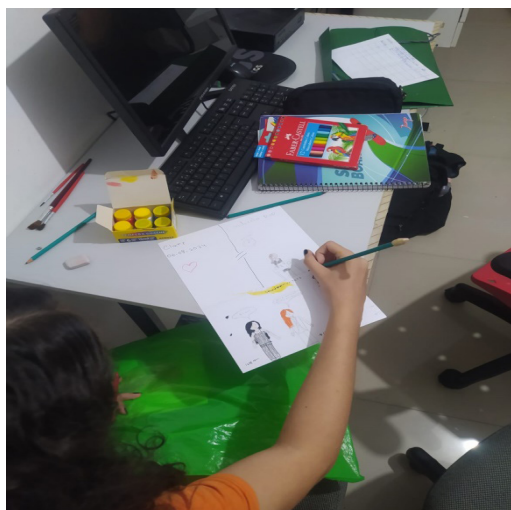
Realizar mediações de reforço educacional em uma casa de acolhimento foi, para mim, uma experiência que ultrapassou o simples ato de ensinar. Foi, acima de tudo, um exercício de escuta, paciência e humanidade. Cada criança e adolescente que encontrei carregava em si um mundo, um universo particular de dores, fragilidades e esperanças.

Minha primeira mediação foi com uma criança de 11 anos, que parecia ter uma sede insaciável pelo aprendizado. Ele recebia cada atividade como um presente e encarava o estudo não como obrigação, mas como oportunidade. Era fácil se encantar com sua dedicação: a cada exercício concluído, seus olhos brilhavam como quem descobria um novo caminho. Trabalhar

com ele me trouxe leveza, pois a troca acontecia de forma natural, sem barreiras ou resistências.

Quando soube de sua reintegração à família, um misto de alegria e saudade tomou conta de mim. Sinto alegria por ver uma história ganhar um final esperançoso e nostalgia porque aqueles encontros carregados de entusiasmo haviam se tornado também parte da minha rotina afetiva. Foi a primeira vez que percebi, de forma concreta, que nossas intervenções não são apenas pedagógicas: são também pontes para a vida.

**Imagem 18** – Mediação em casa de acolhimento



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2024.

Depois dele, vivi um desafio completamente diferente com uma adolescente de 14 anos. Ela era discreta, silenciosa, quase imperceptível dentro da casa. Estava sempre com o celular nas mãos, como se o aparelho fosse sua forma de escapar do mundo ao redor. Nas mediações, o que mais me intrigava era a fragilidade de sua memória: quando avançávamos para um novo conteúdo, semanas depois era como se as bases anteriores tivessem desaparecido. Voltávamos sempre ao início, e esse ciclo pa-

recia não ter fim. Mais difícil ainda era conquistar sua confiança. Ela mantinha uma barreira entre nós, como se tivesse medo de se permitir ser ajudada.

Esse foi um processo cansativo, não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente. Com ela, aprendi que ensinar não se resume a transmitir conteúdos, mas a encontrar brechas no silêncio, a respeitar o tempo do outro e a oferecer constância em meio ao turbilhão de incertezas que a vida já havia lhe imposto.

Descobri, então, que ensinar não é repetir uma fórmula, mas sim encontrar novos caminhos. Para conquistar a atenção dos acolhidos, precisei me aproximar do que fazia sentido para eles. Recordo que essa mediada era apaixonada por uma série de ficção e romance; aproveitei esse interesse para propor a criação de uma charge com elementos da história, adaptando-a ao gênero que estava sendo trabalhado na escola.

Dessa forma, trabalhamos juntas as dificuldades que ela tinha em Língua Portuguesa, mas sem perder de vista o interesse pessoal. Aprendi que a educação só floresce de verdade quando dialoga com a vida de quem aprende, caso contrário, vira peso, obrigação, rotina sem entusiasmo.

Outra experiência marcante foi com um pré-adolescente de 12 anos, cheio de energia, porém, com uma dificuldade grande de concentração. Ele se frustrava rapidamente quando errava e, diante do erro, desistia. Para ele, falhar era o mesmo que não ter valor. Eu tentei de várias formas mudar essa percepção: inventei o sistema de estrelinhas, elogiava cada esforço, celebrava cada pequena conquista. Entretanto, ainda assim, o peso da frustração parecia maior do que qualquer incentivo. Ver sua desistência do processo foi doloroso. Era como se ele me mostrasse, com sua recusa, que nem sempre estamos prontos para lidar com nossos próprios limites, muito menos para aceitá-los.

Foi nesse momento que percebi o quanto precisamos ser humildes para aceitar que o nosso papel, por mais empenho que tenhamos, às vezes não consegue romper todas as barreiras.

Na minha última mediação, encontrei uma adolescente de 14 anos que me mostrou o oposto desse movimento de desistência. Ela tinha uma dedicação impressionante e uma vontade de aprender que me emocionava. Seus olhos traduziam a esperança de um futuro melhor, e sua persistência diante das dificuldades me fazia acreditar junto com ela. Cada encontro era um espaço de trocas mútuas: enquanto eu apresentava conteúdos, ela me devolvia lições de resiliência. Juntas, fomos aprendendo que o estudo não era apenas uma forma de acumular conhecimento, mas também um ato de resistência diante das circunstâncias que tentavam limitá-la. Estar com ela foi compreender que educar é também ser educado pela coragem de quem, mesmo ferido, ainda acredita nos próprios sonhos.

Ao final dessas experiências, constato que o verdadeiro aprendizado não foi apenas deles, mas meu. Descobri que cada criança e adolescente tem uma forma única de se relacionar com o saber, com a vida e com suas próprias dores. Descobri que há alegrias que aquecem o coração, como a reintegração familiar; há silêncios que testam nossa paciência, como o da adolescente do celular; há desistências que nos ensinam sobre limites, como a do pré-adolescente que não suportava errar; e há encontros que nos fortalecem, como aquele que vivi com a menina sonhadora. \*

No fim, ensinar em uma casa de acolhimento foi muito mais do que transmitir conhecimento, aprendi que a educação é um ato profundamente humano, tecido na delicadeza de olhar para o outro e aceitar que, mesmo em meio às dificuldades, sempre existe a possibilidade de crescer.

## Oficinas educativas em saúde

No projeto, também tive a oportunidade de realizar oficinas nos espaços de acolhimento que se tornaram mais do que simples atividades educativas: foram encontros de afetos, descobertas e desafios. Desde o início, notava-se que a participação variava de acordo com o grupo. Algumas crianças e adolescentes se mostravam entusiasmados, curiosos e dispostos a questionar, relacionando o conteúdo com suas próprias vivências. Essa postura transformava as oficinas em diálogos vivos, onde perguntas e reflexões se encontravam com as experiências pessoais dos participantes, favorecendo a construção de saberes que iam além da teoria e podiam ser levados para o cotidiano do autocuidado.

Em outros momentos, contudo, a adesão foi pequena. A falta de interação, a ausência de alguns adolescentes e o pouco entrosamento revelaram a necessidade de adaptação das metodologias, já que a mesma proposta não alcançava todos com a mesma intensidade. Essa realidade mostrou que educar em saúde, especialmente em ambientes de acolhimento, exige flexibilidade, escuta atenta e criatividade para encontrar linguagens que dialoguem com diferentes perfis e interesses.

Diante desses contrastes, buscamos reinventar as estratégias. Recursos visuais, como imagens de patologias relacionadas à má higiene, foram incorporados para causar impacto e estimular reflexões. Ao mesmo tempo, elementos lúdicos passaram a ocupar lugar central, como na criação da dinâmica “Corrida das Estrelas: os campeões da higiene”, que transformava tarefas de autocuidado em um jogo coletivo. As estrelas douradas coladas no quadro lhe davam certa motivação, e cada conquista, por menor que fosse, ganhava visibilidade e reconhecimento. Ainda assim, ficava claro que a continuidade do processo dependeria

não apenas da oficina em si, mas do acompanhamento constante de cuidadores e educadores.

Além da higiene, ampliamos o debate para temas sensíveis e urgentes, como a educação para a não violência. Rodas de conversa foram realizadas para discutir limites corporais, tipos de violência e formas de buscar ajuda. Dinâmicas como o “semáforo do toque” ajudaram a tornar concreto o que muitas vezes é difícil de ser verbalizado.

A partir disso, surgiram reflexões, relatos e até desabafos sobre experiências de violência, revelando a importância de abrir espaços seguros de fala. O abraço que ganhávamos ao final de algumas oficinas simbolizou não apenas o fechamento da atividade, como também a criação de vínculos e a valorização do afeto como parte do processo educativo.

Entre as temáticas trabalhadas, também exploramos a educação física como promotora de saúde. Explicamos aos acolhidos a importância da atividade física na prevenção de doenças e na promoção de bem-estar, apresentando de forma simples a anatomia do corpo humano — ossos e músculos que, unidos, sustentam cada movimento. O corpo, que muitas vezes parecia distante de seu próprio entendimento, passou a ser visto como casa a ser cuidada, espaço de força e de possibilidades.

Para tornar esse aprendizado mais palpável, montamos um circuito de atividades que incluía movimentos corporais básicos, alongamentos e pequenas práticas de resistência e coordenação.



**Imagem 19** – Circuito de atividade física



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2025

O que poderia ser apenas exercício ganhou ares de brincadeira coletiva, e o espaço foi tomado por risadas, suor e uma energia contagiante. Houve grande participação dos acolhidos, que se engajaram ativamente nas atividades, mostrando que a ludicidade e o movimento são pontes poderosas para a aprendizagem.

### **O caminho da Pesquisa acadêmica**

Com o tempo, as oportunidades de pesquisa também chegaram no projeto. Mesmo já tendo experiências anteriores com artigos e congressos, a responsabilidade de desenvolver trabalhos acadêmicos na graduação parecia ainda mais séria. Ti-

vemos a sorte de contar com uma tutora próxima, que corrigia, orientava e nos ajudava.

Uma das experiências mais marcantes foi a apresentação de um trabalho no ENEPET, em Maceió. Levamos como tema as visitas realizadas com os acolhidos à UFPB, onde apresentamos os centros acadêmicos para que eles pudessem se enxergar ali, como futuros universitários. Foi um trabalho transformador, pois mostrava que a autonomia e os sonhos dos acolhidos também precisavam de incentivo.

Escrever um trabalho de pesquisa na graduação, muitas vezes, é um caminho solitário. A ausência de incentivo institucional torna o processo ainda mais árduo, como se nós, estudantes e orientadores, precisássemos remar contra a maré, buscando sozinho os recursos e a motivação para seguir adiante. Essa falta de apoio fragiliza o percurso formativo, pois sem o estímulo adequado, a pesquisa deixa de ser vista como parte essencial da vida acadêmica e passa a ser encarada apenas como uma obrigação ou, em muitos casos, como um fardo.

Foi nesse cenário que compreendi o quanto as universidades deixam de valorizar, com a grandeza que merecem, projetos como o Programa de Educação Tutorial. Aqui, vivi intensamente o tripé que sustenta a universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Esses projetos representam um espaço importante para a formação integral do estudante, pois não apenas incentivam a produção científica, mas também possibilitam a vivência prática do conhecimento, a inserção em comunidades e a articulação com diferentes realidades sociais.

Apesar dessa falta de valorização, a experiência no PET se tornou um marco essencial. Contamos com a orientação dedicada da tutora do projeto, que sempre buscava nos guiar no caminho da pesquisa, e tivemos também o privilégio de aprender com professores, pesquisadores e doutores de diversas áreas da

educação, que compartilhavam conosco suas vivências e perspectivas sobre o ensino, a pesquisa e a extensão. Esses encontros ampliaram nossos horizontes, alimentaram nossa curiosidade e nos deram a segurança necessária para escrever nossos artigos e avançar em nossas pesquisas acadêmicas.

A pesquisa é uma das engrenagens mais importantes da universidade. É por meio dela que o estudante se aproxima do conhecimento de forma crítica, aprende a questionar, a investigar e a buscar respostas que não se limitam ao que já está escrito nos livros.

O exercício da pesquisa é estimulado pela curiosidade e autonomia, que transforma o graduando em sujeito ativo da sua formação. Sem essa vivência, a graduação corre o risco de se reduzir a uma repetição de conteúdos, sem a experiência de construir algo novo.

Para além da vivência individual, a pesquisa carrega um valor social inestimável.

Cada projeto, por menor que seja, contribui para ampliar os debates, gerar soluções e fortalecer áreas do conhecimento que impactam diretamente a sociedade.

Quando nós estudantes entramos em contato com a realidade da pesquisa, isso não apenas nos forma profissionais melhores, mas também permite que construamos de forma coletiva os saberes que podem transformar realidades.

Por isso, incentivar e valorizar projetos como o PET e a pesquisa desde os primeiros anos da formação acadêmica é investir em cidadãos mais críticos, em profissionais mais preparados e em uma sociedade mais consciente de suas necessidades e possibilidades de mudança.

## **Aplicação da teoria: Extensão para casas de acolhimento institucional**

No campo da extensão, vivi experiências que trouxeram a Enfermagem para dentro do projeto. Junto a outros bolsistas, realizei oficinas sobre saúde: falamos de higiene e autocuidado, saúde mental, educação física, sexualidade e limites pessoais. Também abordamos violência em suas diferentes formas: física, sexual e psicológica. Trabalhamos também primeiros socorros, prevenção de acidentes com animais peçonhentos e outros temas.

Hoje, quando penso no projeto, vejo como ele é um dos maiores presentes que recebi na minha vida acadêmica. Ele me concedeu não apenas experiência profissional, mas também humanidade. Trouxe-me consciência sobre a realidade de vulnerabilidade de casas de acolhimento que eu desconhecia, despertou em mim empatia e vontade de agir para diminuir as marcas que o acolhimento pode deixar em crianças e adolescentes.

Acredito que a Universidade precisa olhar para esse projeto com a relevância que realmente possui. Mais do que artigos e trabalhos, é ação viva, concreta e transformadora. O PET propaga cuidado físico, mental, social e intelectual para aqueles que mais precisam. E, ao mesmo tempo, transforma a nós, estudantes, em profissionais mais conscientes, sensíveis e preparados para o mundo.

## CAPÍTULO 8

### CAMILA CAVALCANTI VILELA

**“Aprender é uma forma de cuidar: vivências de uma estudante de Enfermagem no PET”**

#### Introdução

Meu nome é Camila, natural de Pernambuco e sou estudante de Enfermagem na Universidade Federal da Paraíba. A educação sempre foi parte essencial da minha vida, não só uma escolha entre tantas outras. Foi, na verdade, a porta de entrada para quase tudo. Cresci acompanhada pelo exemplo da minha mãe, professora, que me guiou por essa estrada com muita paciência. Talvez por isso, nunca pensei em não entrar numa universidade. Estudar parecia algo natural, quase inevitável. Hoje percebo que minha trajetória acadêmica não é apenas fruto de escolhas minhas, mas sim um reflexo das inspirações e incentivos que recebi ao longo da vida, especialmente dentro da minha família.

Em 2022 cheguei à UFPB. O início foi muito complicado, como costuma ser para tantos universitários. Ingressei em uma nova fase da vida, tudo parece mais sério, mais exigente, mais “adulto”. Ao mesmo tempo em que há dificuldades, também existe a sensação boa de estar crescendo, de se encontrar. Foi nesse processo de descobertas que ouvi falar do PET. Uma amiga, que tinha participado brevemente, comentou sobre o programa e me contou um pouco do que era. Ficou uma curiosidade guardada em mim e fiquei muito feliz quando meu nome saiu na lista dos aprovados para o programa.

No início, confesso que me senti tímida, como quem chega a uma roda já formada e ainda sem saber o lugar de sentar, mas logo fui me ajustando a rotina e percebendo que as minhas dificuldades não eram exclusivamente minhas. A cada atividade, a cada reunião, fui entendendo que ali não se tratava apenas de estudar ou desenvolver projetos, mas de aprender a olhar para a educação de forma ampliada atravessada pelo cuidado, pela coletividade e, principalmente, pela partilha de experiências.

### **Atividades Desenvolvidas**

Como o PET tem ensino, pesquisa e extensão em seus fundamentos, tive a oportunidade de participar de todas essas áreas. As oficinas foram fundamentais para essa vivência. Em cada uma delas, algo se ensinava e algo se aprendia. Os momentos dedicados à educação para a não-violência, à higiene, ao autocuidado e à saúde mental, me mostraram na prática que a enfermagem não se limita à técnica, mas floresce também na escuta, na sensibilidade e na educação permanente para a comunidade.

Os momentos dedicados à pesquisa também tiveram um lugar especial nessa caminhada. Eles me direcionaram a compartilhar nossas experiências em encontros como o ENEPET, o ENAPET e o ENID, ampliando a voz do que vivíamos nas oficinas e mediações.

Junto com o grupo, desenvolvemos pesquisas que uniam saúde e educação, sempre voltadas para o cuidado e para a formação humana. Entre elas, destaco “Atuação de pedagogos para a autonomia de crianças e adolescentes” e “Oficinas de educação em saúde para crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional”. Trabalhos que nasceram da prática e que,

ao serem apresentados, revelaram a potência de transformar vivências em conhecimento compartilhado.

Falar e escrever sobre oficinas e mediações de educação em saúde nesses espaços foi desafiador, mas também enriquecedor para minha bagagem. Apesar da timidez, experimentei momentos em que a empolgação tomou conta e acredito que fui reconhecida, visto que, ganhamos o prêmio de Iniciação à Docência. Foi marcante, nunca me esquecerei.

**Imagem 20** – PET Protagonismo Juvenil na Premiação do ENID/2024 da UFPB



**Fonte:** Autores, 2025.

Também cito aqui o meu papel enquanto mediadora. Acompanhei três acolhidas nessa breve trajetória. Minha primeira mediação foi para duas adolescentes. Uma tinha 12 anos e a outra 17. Lembro bem do brilho nos olhos delas, uma curiosidade tão natural e ao mesmo tempo tão silenciada pela falta de diálogo.

Na sociedade brasileira ainda há um tabu enorme sobre conversas em relação ao sexo e mudanças corporais, como se falar sobre isso fosse um erro, quando na verdade é um cuidado. Elas gostaram muito dos nossos encontros. Trabalhamos temas como puberdade, métodos contraceptivos e anatomia. Naquele momento, compreendi ainda mais meu papel de futura enfer-

meira e petiana: estar presente, acolher, responder de maneira objetiva e responsável, oferecendo informações que conseguissem libertar e fortalecer a autonomia.

Atualmente, tenho a oportunidade de mediar uma menina de apenas 8 anos, que carrega um histórico de idas e vindas de casas de acolhimento. É uma criança muito doce, de sorriso fácil, mas que, com certeza, passou por muita coisa.

**Imagem 21** – Mediação na Casa de acolhimento Lar Manaíra



**Fonte:** Autores, 2025.

Penso que talvez o fato de ser criança a ajude a suportar tantas mudanças, como se a leveza da infância fosse uma proteção diante de um mundo tão pesado. Estar ao lado dela me fez refletir sobre o silêncio e tentar interpretar aquilo que não está sendo dito, pois, é diante das suas dificuldades na mediação que entendo o déficit que a acompanha durante a sua escolarização. É nesse espaço de mediação que fazemos um exercício à delicadeza. Cada gesto e cada palavra precisam ser pensados, pois isso irá afetar diretamente na nossa relação com o mediado. Acolher, respeitar limites e reconhecer que há fragilidades que não podem ser apressadas ou ignoradas, faz parte da jornada.



## **“Projeto de Vida” e Outras Atividades**

Em alguns casos, não é possível direcionar o conhecimento até os acolhidos, então orientamos os acolhidos até o conhecimento. O Projeto de Vida é uma ação dentro do PET que nos permite abrir as portas da universidade para crianças e adolescentes, despertando neles a curiosidade e o desejo de sonhar mais alto. Eles são apresentados à palestras, conhecem laboratórios, professores e pesquisadores, e sentem de perto o ambiente acadêmico.

O projeto busca fazer com que eles reconheçam que aquele espaço também pode ser deles. Mais do que uma visita, trata-se de uma experiência de pertencimento.

Obtive a oportunidade de acompanhar uma dessas ações durante a visita ao laboratório de Física, junto ao PET – Física, e foi muito bacana perceber o interesse nos olhos das crianças e adolescentes diante de cada experiência demonstrada. Com o apoio de seu tutor, os bolsistas do PET – Física mostraram que a Física ultrapassa a dimensão dos cálculos, pois também é algo “vivo”. Para muitos, era a primeira vez que viam de perto experimentos científicos que até então só conheciam dos livros ou das aulas na escola. Esse momento me mostrou, na prática, como a aproximação com a universidade pode transformar olhares. A ciência deixa de ser distante e passa a ser algo palpável, possível e até divertido.

Essas vivências foram mais do que apresentar conteúdos, foi também o despertar de curiosidade, incentivo ao pensamento crítico e evidenciar que o conhecimento é um caminho aberto a todos.

## **Dificuldades Encontradas no Percurso**

Ao longo do percurso dentro da universidade e, propriamente, no PET, foi inevitável me deparar com alguns desafios

que, embora tenham exigido adaptação e “jogo de cintura”, se transformaram em aprendizagem que levarei para a vida.

Uma das primeiras dificuldades encontradas foi lidar com a diversidade de pessoas e realidades com as quais entramos em contato. Cada encontro anunciava novos mundos, diferentes formas de pensar, agir e sentir, o que exigia de mim sensibilidade para compreender cada contexto e encontrar maneiras de construir pontes, mesmo diante de perspectivas tão distintas.

Outro ponto que se apresentou, em alguns momentos, foi a comunicação com os profissionais das casas. Havia situações em que as informações pareciam não ser retidas, mas, com paciência, esses impasses eram solucionados, permitindo que o trabalho seguisse. Esse processo, apesar de delicado, é talvez um dos “problemas” de lidar com pessoas.

Também houve questões sobre a adesão das crianças e adolescentes nas atividades. Em certas ocasiões, encontramos certa resistência em participar das mediações e oficinas. Contudo, esse movimento fazia parte da realidade deles, marcada por diferentes histórias e momentos de vida. Aos poucos, aprendemos a acolher esses limites e a buscar estratégias que despertassem maior interesse. Às vezes tínhamos sucesso, às vezes não, e faz parte do processo.

Por fim, compreendi que as dificuldades sempre farão parte do caminho, sobretudo quando se trata de trabalhos que envolvem pessoas. Cada indivíduo carrega consigo sua própria história e modos próprios de ser, o que, inevitavelmente, traz desafios para a convivência e para o desenvolvimento de atividades coletivas.

No entanto, é justamente nesse movimento que reside a riqueza da experiência: aprender a lidar com as diferenças. É preciso encontrar alternativas diante dos impasses e reconhe-

cer que o trabalho com pessoas exige paciência, empatia e constante capacidade de adaptação. Quando aceitamos que esse processo é natural do percurso conseguimos ser mais centrados e assertivos, quanto a nossas escolhas e tomadas de decisões.

## **Propostas para o Futuro**

Uma das propostas é a manutenção das oficinas, que se mostraram estratégias eficazes de aproximação, troca de saberes e construção de vínculos. Elas oferecem um espaço dinâmico, criativo e acolhedor, no qual é possível trabalhar diferentes temáticas de forma lúdica e significativa, respeitando o tempo e a realidade de cada participante. Nesse sentido, é importante que essas oficinas continuem sendo desenvolvidas e adaptadas, a fim de manter seu caráter atrativo e participativo.

Além disso, a criação de aulões mais coletivos surge como uma alternativa interessante. Atividades desse tipo podem reunir crianças, adolescentes, profissionais da casa e mediadores em um mesmo espaço, fortalecendo a ideia de comunidade e permitindo uma maior integração entre todos os envolvidos. Os aulões também possibilitam a abordagem de temas mais amplos, em momentos de partilha coletiva, reforçando a dimensão educativa e social do PET.

Outro aspecto que pode enriquecer o futuro do projeto é o fortalecimento das parcerias entre a universidade e as instituições.

Trazer a Academia para mais perto da realidade das casas, por meio da participação de professores, departamentos e outros grupos acadêmicos, é uma forma de ampliar o alcance das ações. Essas parcerias podem contribuir não apenas com novos conhecimentos e recursos, mas também com diferentes

olhares que ajudem a tornar as atividades ainda mais ricas e diversificadas.

## **Sementes Plantadas**

Quando falamos de “ensinar”, remetemos automaticamente a algo que deixamos no outro, mas também é preciso reconhecer o que nos é devolvido. Estar no PET me permitiu compreender, de forma viva, como educação, saúde e ensino se entrelaçam e se fortalecem mutuamente. Essas trocas me marcaram profundamente, porque percebi que educar em saúde é também devolver dignidade; é permitir que o conhecimento preencha o vazio, tal qual um quebra-cabeça.

O PET me desvendou que cada encontro é uma via de mão dupla, onde o saber acadêmico se transforma em prática e a experiência vivida se converte em aprendizado para a vida. Assim, carrego comigo a certeza de que ensinar é também ser constantemente ensinado, e que na simplicidade dos gestos e nas escutas atentas estão algumas das maiores lições que já recebi.

Sou profundamente grata a todos que caminharam comigo. Aos meus colegas bolsistas pelo companheirismo; à nossa tutora pelo direcionamento e troca de saberes; aos profissionais das Casas pela disponibilidade; e a cada coadjuvante que, de alguma forma, contribuiu para que a experiência se tornasse tão significativa e enriquecedora.

Como futura enfermeira, compreendo que minha missão será continuar esse cultivo. As sementes que plantei no PET se transformarão em práticas de cuidado que acolhem, educam e devolvem dignidade.

Apreendi que cuidar é também ensinar, é acreditar no potencial do outro, é oferecer mais do que assistência: é oferecer

esperança. Estará comigo a certeza de que, assim como no PET, a enfermagem é um terreno fértil para semear transformação, seja em um leito, em uma comunidade ou em uma ação educativa. E sei que, ao plantar essas sementes de conhecimento e humanidade, colherei um futuro em que a saúde e a educação caminham juntas, sempre voltadas para a vida.

## CAPÍTULO 9

### DIANA CLEMENTE SILVA

*“Da Extensão que Acolhe, Pesquisa que Transforma e Ensino que Liberta”*

#### Introdução

**M**eu caro leitor, meu nome é Diana, mas pode me chamar de Lady Di (como a princesa de Gales, porém com a coragem da Mulher Maravilha). Tenho 29 anos e estou no sexto período de Enfermagem na Universidade Federal da Paraíba. Natural de Jacaraú/PB, hoje moro na Residência Universitária da UFPB, um lugar que é uma aventura cheia de desafios constantes, mas que se tornou meu lar após uma longa caminhada.

Minha jornada acadêmica começou em 2013, na matemática, mas a vida me levou para um caminho inesperado: o Rio de Janeiro. Lá, entre os empregos de cuidadora, faxineira, manicure e a violência das favelas, eu sentia o conhecimento ecoar dentro de mim como um chamado.

Mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis, não abri mão do meu sonho. Prestei vestibular no Rio e, com minha nota, cruzei o país de volta para a Paraíba, minha terra natal. Dez anos após terminar o ensino médio, em 2022, eu retornava à UFPB transbordando de alegria. A faxineira havia decidido que seria enfermeira!

No segundo semestre, a busca por projetos era mais do que uma ambição acadêmica; era uma questão de sobrevivência. A falta de recursos financeiros significava, literalmente, a falta de comida e medicamentos. Sim, é possível passar fome mesmo

com o auxílio da Residência Universitária. Inscrevi-me em oito projetos no Centro de Ciências da Saúde (CCS), sem sucesso.

Quando encontrei o PET Protagonismo Juvenil, quase desisti por ser do Centro de Educação, algo distante da saúde. O destino, no entanto, agiu em uma conversa de cozinha, enquanto preparava um “cuscuz com ovo”. Uma ex-petiana me contou sobre sua experiência e, naquele instante, uma porta se abriu em minha mente. Decidi, então, tentar o processo seletivo.

**Imagem 22** – O início da trajetória: primeira reunião de formação



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Entrei no PET no final de 2023. No início de minha jornada no Projeto, confesso, a bolsa era a âncora que me mantinha lá. Mas mergulhei naquele universo e me reconheci: eram crianças com infâncias roubadas, um cenário que eu já conhecia tão bem do Rio.

Foi então que percebi a dimensão do que tinha em mãos: a possibilidade de, inspirada por Madre Teresa de Calcutá, ser aquela gota no oceano. Ou seja, “o que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor (Madre Teresa de Calcutá).

Se eu mudasse a vida de uma única criança, diante de quase 8 bilhões de pessoas que temos em nosso planeta, toda a minha luta teria valido a pena.

## **Ensino que Liberta**

“Conhecimento é Poder!” Esta frase ganhou vida para mim nas oficinas de Educação em Saúde. Mais do que repassar informações, eu viajo para um mundo onde ensinar é um ato de libertação.

Trabalhamos (eu e o grupo da enfermagem) temas cruciais, como higiene íntima, bucal e corporal, mas fomos além. Falamos sobre educação para não violência, sobre a coragem de buscar direitos, sobre como a organização do seu próprio espaço pode ser um primeiro passo para organizar a própria vida.

Nas oficinas de primeiros socorros, ensinei a Manobra de Heimlich e o que fazer em acidentes com animais peçonhentos. Ver o olhar de uma criança absorvendo aquele saber, um saber que poderá salvar uma vida, é ver o poder se materializar em suas mãos.

**Imagens 23 e 24 – Oficina de primeiros socorros**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2025.



Paralelamente, nas mediações pedagógicas individualizadas, encaro um dos maiores desafios: as marcas das violências e restrições de direitos que cada um viveu antes de estarem ali, no acolhimento institucional.

A distorção idade-ano, a agressividade, a falta de interesse pelos estudos, todas as questões psicológicas envolvidas, são reflexos dessas cicatrizes de infâncias roubadas.

Lidar com tudo isso, tentar driblar essas marcas, são desafios constantes que me fazem refletir diariamente sobre a importância do meu trabalho dentro do PET e do quanto realmente estou pronta, ou não, para lidar com toda a complexidade dessas situações.

**Imagem 25** – Mediação pedagógica personalizada



**Fonte:** Instagram @pet.protagonismojuvenil

Portanto, busco não apenas ensinar português ou matemática; ensino autoestima, mostro que cada um tem seu tempo e que seu valor não é medido por uma série escolar, uma nota ruim, uma dificuldade acadêmica, ou por um passado sombrio. Acredito, veementemente, que o conhecimento liberta das amarras da ignorância, da injustiça e da baixa estima. Ele é a fer-

ramenta que permite a essas crianças e adolescentes reescreverem suas próprias histórias, seguirem seus sonhos, quebrarem ciclos de pobreza, fome e violência.

## **Pesquisa que Transforma**

O PET me apresentou à pesquisa de uma forma que a sala de aula nunca conseguiu. Apesar das cadeiras de metodologia, as lacunas só começaram a se fechar na prática. Em 2024, junto com outros três bolsistas, mergulhei na pesquisa bibliográfica sobre a “Implantação do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora”. Foi uma experiência que transformou minha aversão à teoria em admiração. Compreendi que a pesquisa é o alicerce que sustenta uma prática transformadora.

Mas o salto verdadeiro aconteceu em 2025, após cursar Saúde da Criança e do Adolescente I e tive o pequeno vislumbre do arcabouço necessário para o que viria depois. As inquietações que surgiam durante as oficinas e mediações não me abandonaram.

Identifiquei nuances no desenvolvimento daquelas crianças que pediam por uma investigação mais profunda. Foi assim que, de forma natural e orgânica, nasceu meu projeto solo: uma pesquisa sobre o Crescimento e Desenvolvimento Infantil no Contexto do Acolhimento Institucional. Esta não é apenas uma pesquisa; é a materialização das minhas observações mais sensíveis, e pretendo torná-la o tema do meu TCC.

Dessa maneira, inspirado pela experiência prática no PET e movido pelas inquietações geradas ao testemunhar de perto a realidade de crianças em acolhimento institucional, este projeto de pesquisa visa entender os impactos de um ambiente marcado por vulnerabilidades. Ele nasce de um compromisso ético e social de qualificar o cuidado de enfermagem, propondo-se a

preencher uma lacuna acadêmica e a produzir conhecimento que fundamente práticas mais humanizadas e intervenções intersetoriais eficazes.

Mais do que um cumprimento de demandas, esta pesquisa é a materialização de um desejo de transformar a realidade observada, alinhando teoria e sensibilidade para contribuir, mesmo que com uma gota, para a garantia do desenvolvimento pleno e saudável dessas crianças.

Estou sendo lapidada por esse processo. A pesquisa não está apenas transformando meus conhecimentos; está transformando a minha maneira de enxergar o mundo e a minha futura profissão.

### **Extensão que Acolhe**

Propagar o conhecimento para além dos muros da universidade é a parte mais crua e mais bela do processo. O ambiente das casas de acolhimento é complexo e, muitas vezes, hostil. São mundos que se chocam constantemente. Ouvi relatos narrados com uma naturalidade que é, em si, um grito de socorro. Histórias que revelam como o básico – o afeto, a segurança, o cuidado – é brutalmente negligenciado.

Manter a postura profissional nessas horas é um exercício diário de força. Como não se identificar com as marcas de uma infância roubada quando você carrega as suas próprias? Como não reviver suas próprias dores?

Aprendi que acolher vai muito além de um protocolo. É ouvir sem julgamento, é estar presente mesmo no silêncio, é oferecer um olhar que diz: “eu vejo você, e você importa”. Eles são carentes, mas o que posso oferecer, ali e agora, é um acolhimento carregado do mais puro amor, respeito e compromisso com o meu trabalho.

Assim, o Projeto de Vida, uma das várias atividades do PET, tem o objetivo de sensibilizar os acolhidos sobre a melhoria da perspectiva de vida por meio da educação, direcionando esses jovens a visitas dentro dos vários espaços disponíveis na UFPB, como laboratórios em diversas áreas e museus.

A proposta é despertar a curiosidade sobre o conhecimento, plantando pequenas sementes de aprendizagem e novas experiências. Como Bolsistas tive o privilégio de acompanhar algumas dessas visitas, em que evidenciei a universidade abrindo as portas para os acolhidos, e eles, por sua vez, construindo novos sonhos.

Essa vivência do PET ultrapassou os muros físicos e ganhou o Brasil. Apresentei em 2024, o trabalho “Oficinas de educação em saúde para crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional” no ENAPET, na UFRPE, em Recife.

Contemplar nosso trabalho sendo reconhecido em um evento nacional foi surreal. Conheci pessoas incríveis de todos os cantos do país, cada uma com sua própria “gota no oceano”, e percebi que não estávamos sozinhos nessa luta.

**Imagem 26** – Participação no ENAPET 2024



**Fonte:** acervo pessoal, 2025.

No final da minha apresentação, os elogios que recebi não eram apenas para mim, mas para todo o grupo PET. Foram um reconhecimento da imensidão e da importância do trabalho que desenvolvemos nas periferias da vida. E quando aquele trabalho foi premiado com uma Menção Honrosa, entendi que aquela gota, nossa gota coletiva, tinha agora um peso maior. Ela tinha sido medida e considerada valiosa perante o país.

É na extensão que a gota no oceano deixa de ser uma metáfora e se torna ação concreta, que ressoa desde o chão de uma casa de acolhimento na Paraíba até um auditório nacional. É onde eu, “Lady Di”, a “ex-faz tudo”, me transformo na enfermeira que entende que a cura começa muito antes de um medicamento: começa no olhar que valida a existência do outro e no trabalho que, mesmo pequeno, é reconhecido como parte vital de um oceano de transformação.

### **Considerações Finais: A Jornada da Gota que se Tornou Oceano**

Olhando para o passado, reconheço que o PET não é apenas um programa de extensão, ensino e pesquisa, ou uma bolsa de sobrevivência. É o terreno onde sementes há muito plantadas – na matemática abandonada, nas favelas do Rio, na coragem da faxineira que ousou sonhar – finalmente germinam. Se entrar no programa foi uma questão prática, permanecer nele tornou-se uma questão de identidade.

Aprendi que a verdadeira transformação não ocorre em linha reta. Ela acontece nos zigue-zagues das mediações pedagógicas, na paciência de reconstruir autoestimas despedaçadas, na coragem de ouvir histórias de dor sem fugir. Descobri que minhas próprias cicatrizes, longe de serem um impedimento, eram a fonte da empatia que me permitia conectar com aquelas

crianças de infâncias roubadas. A menina órfã, que sobreviveu às adversidades do Rio, encontrou, na enfermeira em formação, a força para ajudar outras crianças a não apenas sobreviver, mas a ressignificarem suas próprias histórias.

E no meio desse turbilhão de descobertas, surgiu o maior dos presentes: as amizades. Os outros bolsistas do PET, que começaram como colegas de projeto, revelaram-se companheiros de jornada. Com eles, compartilho as angústias das dificuldades, as alegrias das pequenas vitórias e a certeza de que não estamos sozinhos nessa empreitada. São laços forjados no calor da luta diária, que levarei comigo não apenas como lembranças, mas como alicerces para a vida.

Hoje, carrego a certeza de que a enfermagem que escolhi vai muito além de procedimentos e diagnósticos. É uma profissão de encontro e de acolhimento. O PET me ensinou que o cuidado integral começa no olhar que valida o outro, no ensino que empodera e na pesquisa que ilumina caminhos para uma prática mais humana e eficaz.

A jornada continua, mas agora sei, com toda a convicção, que cada “cuscuz com ovo” compartilhado, cada oficina ministrada, cada dado coletado para a pesquisa e cada lágrima enxugada foi um passo necessário. E que, no grande oceano da vida, nossa gota, insistente e amorosa, já provou ser capaz de criar ondas de transformação.

## CAPÍTULO 10

### LEANDERSON ANTONIO DA SILVA

**“O protagonismo nasce quando alguém descobre que pode escrever sua própria história”**

#### Introdução

**M**eu nome é Leanderson Antonio, sou graduando de Enfermagem, atualmente no oitavo período do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sou natural do Rio de Janeiro, mas a vida me levou a mudanças importantes. Aos oito anos, fui para Pernambuco, onde passei boa parte da minha infância e adolescência. Em 2022, tomei uma das decisões mais desafiadoras da minha vida: mudar-me para a Paraíba para estudar Enfermagem.

Minha trajetória até aqui tem sido marcada pela solidão acadêmica. Venho de uma família em que poucos se aventuraram na universidade, e isso fez com que eu me sentisse em um território novo, sem referências próximas.

Aos poucos, porém, descobri que a universidade é feita de portas que se abrem quando estamos atentos. O universo acadêmico se apresentou para mim como um espaço novo, complexo e, ao mesmo tempo, cheio de possibilidades.

Foi nesse contexto que, por meio de uma grande amiga, conheci o PET Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil, do qual passei a fazer parte em 2024. Além da oportunidade de integrar um projeto que valorizava o protagonismo estudantil e o desenvolvimento acadêmico, além de articular ensino, pesquisa

e extensão; o PET oferecia também uma bolsa, algo que se tornou extremamente importante para mim.

Essa chance financeira não representava apenas um apoio econômico; ela significava a possibilidade de investir em minha formação, aliviar preocupações do dia a dia e me dedicar com mais intensidade às atividades de ensino, pesquisa e extensão. A bolsa transformou-se, portanto, em um verdadeiro impulso para a melhoria da minha vida, permitindo-me sonhar com novas perspectivas e enxergar caminhos antes distantes.

É fundamental destacar que, antes de ingressar no PET, eu ainda não havia participado de nenhum projeto de pesquisa ou extensão dentro da universidade.

Minha vivência acadêmica estava restrita às disciplinas obrigatórias do curso e, embora eu tivesse curiosidade, não sabia como me inserir nesses espaços que ampliam tanto a formação estudantil. Foi, portanto, através do PET que conheci de perto as múltiplas dimensões que a universidade oferece: o ensino que se fortalece na prática, a pesquisa que instiga a reflexão crítica e a extensão que aproxima a teoria da realidade social.

### **Experiências com Ensino, Pesquisa e Extensão**

No eixo do ensino, tive a oportunidade de atuar como mediador pedagógico. Acompanhei dois acolhidos que marcaram minha trajetória. A primeira era uma adolescente de 17 anos, sonhadora, inteligente e em busca de entender seu lugar no mundo. Com ela, trabalhamos não apenas conteúdos escolares, mas também projetos de vida, sonhos e a construção de uma identidade autônoma.

O segundo era um menino de apenas 8 anos, mais agitado, sem perspectivas de vida e que apresentava resistência ao estudo. Este último, com o tempo, descobri que a chave estava justamente na construção de uma relação de respeito e afeto.



Apesar de suas dificuldades, o mediado mostrou-se receptivo e interessado. Percebi que, quando se sente valorizado, ele responde com dedicação. Assim, adaptava as atividades às suas preferências, trazendo jogos, leituras curtas e exercícios de matemática contextualizados ao seu cotidiano.

**Imagem 27** – Mediação personalizada com adolescente



**Fonte:** Instagram, via @pet.protagonismojuvenil, 2025

Com a criança e a adolescente, aprendi a relevância da adaptação: cada encontro exigia de mim sensibilidade para compreender suas formas de enxergar a vida e criatividade para ampliar seus horizontes. Pouco a pouco, vi a mediação se tornar um espaço de confiança, troca e construção de sonhos. Foi nesse processo que entendi que educar é, antes de tudo, acreditar no potencial do outro, mesmo quando ele ainda não é capaz de enxergá-lo em si mesmo.

Se nas mediações consegui exercitar a paciência e a atenção individualizada, nas oficinas temáticas aprendi a lidar com a coletividade e a tornar os conteúdos mais dinâmicos.

Em 2024, participei de diversas oficinas sobre saúde, higiene e bem-estar, e em 2025 aprofundei ainda mais essa experiência.

Trabalhamos temas como primeiros socorros com animais peçonhentos, manobra de desengasgo e reanimação cardiopulmonar (RCP).

O interessante nessas atividades é que, inicialmente, alguns acolhidos demonstravam desinteresse ou até mesmo resistência. Mas, à medida que as dinâmicas eram aplicadas, a participação crescia, mostrando que o envolvimento dos alunos depende muito da forma como o conhecimento é apresentado.

Mais do que transmitir informações, constatei que era necessário criar um espaço de troca, onde as crianças e adolescentes se sentissem à vontade para perguntar, compartilhar suas experiências e construir conhecimento conosco.

**Imagem 28** – Registro da oficina de autocuidado



**Fonte:** Instagram, via @pet.protagonismojuvenil, 2025

Também estive presente em ações que buscavam despertar nos acolhidos o interesse pelo estudo e pelo futuro, como no projeto de vida em que organizamos uma visita ao laboratório de física da UFPB, onde as crianças e adolescentes conheceram um pouco mais sobre ciência de forma prática e divertida. Para muitos deles, era a primeira vez dentro de uma universidade,

onde a visita tomava um novo significado: a abertura de um horizonte de possibilidades.

Em 2024, representei o PET Protagonismo Juvenil no ENAPET realizado em Recife, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (URFPE), juntamente com mais 3 colegas bolsistas.

Foi uma oportunidade ímpar conhecer outras realidades, dialogar com estudantes de diferentes regiões e perceber a força coletiva que esse programa exerce. Ali, entendi de forma mais clara que nossas ações locais ecoam nacionalmente e que fazemos parte de uma rede comprometida com a transformação social.

**Imagem 29** – Apresentações de trabalhos no ENAPET 2024



**Fonte:** Acervo Pessoal, 2025

No mesmo ano, vivi a experiência de participar como ouvinte no ENID e poder acompanhar, outro grande evento que é o ENEPET, espaço que fortaleceu a troca com outros grupos PET da região Nordeste.

Além disso, vivenciei uma experiência única e impactante. Em agosto de 2024, participei de uma formação sobre educação inclusiva e adaptação curricular para alunos neuroatípicos, realizada na Escola Olívio Ribeiro Campos.

A atividade foi conduzida pelo Professor Mestre Joeliton Paulo, que trouxe exemplos práticos de como identificar necessidades educacionais específicas e ajustar o planejamento de aula.

**Imagem 30** – Formação Continuada na escola



**Fonte:** Instagram, via @pet.protagonismojuvenil, 2025

Durante a formação, observei estratégias para adaptar atividades avaliativas e de participação em sala de aula. Foram apresentados casos de estudantes com condições como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA), mostrando como pequenas modificações no método de ensino podem facilitar o aprendizado, o qual ampliou a minha compreensão sobre diversidade em contextos educacionais.

Engana-se quem pensa que a pesquisa está distante da prática docente. No PET, aprendi justamente o contrário. Mergulhei, em 2024, na escrita de uma pesquisa intitulada “*Famílias Acolhedoras e a Restrição da Adoção: uma revisão bibliográfica das implicações do termo de não adoção*”, elaborada em conjunto com três colegas bolsistas.

Nosso objetivo foi analisar os aspectos jurídicos e sociais relacionados ao termo de não adoção no contexto do acolhimento familiar, com atenção especial às implicações para as famílias acolhedoras, ao bem-estar das crianças e às decisões relacionadas ao desfecho desse processo.

Atualmente, em 2025, sigo envolvido em um novo projeto, desta vez de autoria própria, mas desenvolvido em parceria com meu orientador.

O estudo busca examinar as contribuições das oficinas de educação em saúde nas casas de acolhimento, a partir da perspectiva de educadores sociais e coordenadores.

Essa pesquisa, ainda em andamento, tem me proporcionado a oportunidade de ouvir profissionais que vivem o cotidiano das instituições e que reconhecem, na prática, os impactos das ações que realizamos. É um aprendizado que extrapola a teoria e me aproxima da realidade de forma sensível e concreta.

## **Dificuldades e Êxitos**

É impossível falar sobre essa trajetória sem mencionar os desafios. Lidar com a falta de motivação dos acolhidos foi, sem dúvida, um dos maiores.

Há crianças e adolescentes que já chegam marcados por experiências difíceis e que não veem no estudo uma oportunidade de mudança.

Muitas vezes enfrentamos o desinteresse inicial dos acolhidos, a rotatividade constante nas casas de acolhimento e até momentos de sobrecarga emocional diante de histórias de vida marcadas por abandono e violência. Enfrentar essa realidade exigiu de mim resiliência e a capacidade de acreditar, mesmo quando eles próprios não acreditavam.

Além disso, trabalhar em parceria com as casas de acolhimento apresentou suas próprias dificuldades. A comunicação nem sempre era fácil: informações chegavam de forma tardia e coordenar horários ou atividades exigia paciência e flexibilidade.

As barreiras, embora desafiadoras, também me ensinaram a importância da adaptação e do diálogo constante, habilidades essenciais para quem objetiva promover mudanças reais em contextos tão complexos.

Apesar disso, os êxitos foram muito maiores. Uma frase escrita com mais clareza, uma conta resolvida sem ajuda ou até mesmo um sorriso ao final de uma atividade, se tornaram conquistas importantes para a chama da educação e a vontade de plantar a transformação pudesse permanecer acesa.

Participar do ENAPET, apresentar nossas ações e ouvir o reconhecimento de professores e estudantes de todo o Brasil, também foi um momento de validação do esforço coletivo do nosso grupo.

Olhando para trás, vejo o quanto o PET me aproximou da docência. Cada mediação me ensinou a ser mais paciente e observador; cada oficina me mostrou a importância de tornar o conhecimento acessível e dinâmico; cada reunião e pesquisa reforçaram a necessidade de fundamentar a prática em bases teóricas sólidas.

## **Reflexões Finais**

Acredito que o PET Protagonismo Juvenil pode e deve se fortalecer ainda mais, garantindo que cada bolsista encontre ferramentas para crescer e que cada criança e adolescente acolhido tenha a chance de sonhar com novos futuros. Para isso, acima de tudo, precisamos manter vivas as mediações pedagógicas, pois elas muitas vezes representam a primeira, e talvez,

a única oportunidade de um acolhido enxergar o estudo como algo transformador em sua vida. É nesse espaço de encontro e de troca que o aprendizado ganha sentido, que o afeto se torna ferramenta pedagógica e que a esperança encontra morada.

Escrevo a você, leitor, como alguém que descobriu na educação uma forma de transformar sua própria vida: creio que a beleza da existência está justamente nos desafios. São eles que nos empurram para frente, que nos obrigam a crescer e a ser melhores do que fomos ontem. Seja qual for o seu sonho, nunca se esqueça de que o estudo é a base que sustenta qualquer projeto de vida.

Se, através do PET, consegui me tornar parte da trajetória de vida de alguém, deixando ali uma semente que poderá germinar e florescer em horizontes que sequer consigo imaginar, sinto que já cumpri uma parte da missão que a vida me reservou. E levo comigo a certeza de que essa jornada ainda está apenas começando.

## CAPÍTULO 11

# DANIEL MATHEUS SILVA DE SOUZA ARAÚJO

*“As conexões de saberes antes do PET”*

### Introdução

Acredito que a melhor forma de começar seria me apresentando, né? Para resumir meu nome enorme, sou Daniel Araújo, ou só “Dan”, tenho 28 anos e atualmente (finalmente) sou concluinte do curso de licenciatura em Música, nasci em João Pessoa–PB, mas cresci e me criei em Santa Rita, região metropolitana.

A música faz parte da minha vida desde que me entendo por gente, acho que o primeiro instrumento que tive contato foi a guitarra, mas sempre fui apaixonado por instrumentos que expressam fortemente o ritmo, então os instrumentos percussivos sempre me encantaram. Comecei a tocar bateria quando criança, porém não tinha acesso regularmente ao instrumento, as condições não permitiam.

As pessoas costumam dizer que são autodidatas os que aprendem a tocar algum instrumento “sozinho”, mas a gente aprende vendo e ouvindo, em um processo muitas vezes não intencional.

E assim, informalmente, fui aprendendo a tocar, observando e escutando outros músicos, ouvindo os adultos conversarem e me intrometendo em qualquer situação que a música



fosse presente. Por muito tempo eu segui assim, aprendendo a partir de vivências, e faço isso até hoje.

Foi na adolescência que comecei a estudar música de maneira mais intensa, buscando conceitos e técnicas no instrumento por meio de vídeos quando tinha acesso à internet.

Além disso, comecei a estudar música em uma ONG no meu bairro, que entrei quando tinha entre 14 ou 15 anos, então comecei a ter contato direto com a educação não formal, algo que vai se desenrolar em diversas outras experiências nesse tipo de ensino ao longo dos meus anos de vida me envolvendo, que vai fazer total diferença na minha jornada no PET.

### **Entrada na universidade até a chegada ao PET**

Em 2017, participei de uma seleção para entrar no curso Sequencial em Música Popular da Universidade Federal da Paraíba, com muita alegria, passei e comecei a fazer música popular na UFPB à noite. Nesse mesmo período, tinha feito o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e escolhi o curso de Pedagogia, onde também passei.

A modalidade de curso sequencial me permitia fazer a graduação em Pedagogia na mesma instituição no turno diurno, e estudando música popular a noite. Tudo isso era parte de um plano maior que era entrar na licenciatura em Música, pois, acreditava que fazer a pedagogia iria facilitar minha vida quando fosse trabalhar assuntos educacionais na licenciatura, e o sequencial nas questões técnicas, além de me proporcionar uma formação acadêmica.

Tão importante quanto a minha formação acadêmica, as coisas que eu estudava, os diplomas, foram as experiências que vivi na universidade e as pessoas que conheci, me dividindo em ambientes diferentes, com ideias diferentes, ver como tudo se

interligava e se completava. Mas não foi fácil, a rotina era exaustiva, as cobranças e preocupação batiam a porta, várias questões a serem resolvidas na minha vida fora da universidade, mas continuei, e no fim, deu certo.

A universidade é um mundo, não tinha ideia das tantas possibilidades, era tanta coisa que poderia fazer, tantos caminhos a seguir. Uma das coisas que aprendi no curso de Pedagogia foi sobre os projetos de ações de ensino, pesquisa e extensão, pensar na chance de participar de alguma ação deste tipo, me motivava a trilhar um caminho na academia.

Tive amigos, pessoas muito importantes que me atravessaram nesse primeiro momento na universidade, que me ensinaram tanto sobre tudo isso, sobre os projetos de monitoria, as extensões, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), estágios, e por aí vai.

Certa vez, um amigo me falou de um projeto dentro da universidade que ele participava onde ministrava aulas em um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é um projeto interessante que contribui para a democratização e o acesso ao ensino superior público para pessoas que classes populares.

O referido cursinho pré vestibular, era ação de um Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes, foi a primeira vez que soube da existência do programa, até cheguei a visitar o local onde as aulas do “cursinho do PET” aconteciam. Fui ouvinte em uma aula e tive alguns colegas que estavam tentando entrar na universidade e estudavam lá para poder conseguir média boa no ENEM.

O sequencial em música popular teve duração de 4 semestres, que cursei, seguindo a rotina de fazer dois cursos nesses 2 anos. Quando me formei em música popular eu ingressei

na licenciatura e já não podia acumular duas graduações na mesma instituição.

E assim, meu objetivo foi alcançado ao chegar no Curso de Licenciatura em Música. Estava estudando a possibilidade de tentar entrar em um programa de extensão ou alguma outra ação que me fosse interessante, porém no primeiro período ainda não era possível, mas aguardei o momento certo.

Em determinada ocasião estava de olho nos projetos que anunciavam vaga, principalmente para bolsistas. Os projetos que abriam vagas na área de música não me agradavam por serem linhas de estudo que não me interessavam muito, e na verdade não tinham muitas opções. Então, lembrei da época no Centro de Educação da UFPB, nos projetos que abriam espaços para outras licenciaturas.

Entre os projetos de extensão que pesquisei, teve um que chamou atenção, era algo envolvendo capoeira e filosofia Ubuntu, pois enxerguei potencial de explorar conhecimentos musicais e culturais, além de já ter tido experiências com a capoeira.

Porém, outra oportunidade surgiu, era o edital para seleção de novos bolsistas no PET Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, e estava ansioso para saber o que esse programa trabalhava. O edital do projeto disponibilizava vagas para qualquer curso de licenciatura, e portanto, me submeti a seleção que compreendeu a realização de entrevista e prova escrita.

### **Início no PET e minhas primeiras ações**

Quando entrei no PET Protagonismo Juvenil, tive muitas dúvidas de como seria a experiência, quando me deparei com tantas pessoas de cursos diferentes, indaguei sobre qual seria minha função, mas ao mesmo tempo, fiquei muito animado.

Acredito que a universidade deveria ampliar o número de projetos interdisciplinares, assim, colocar cursos diferentes para dialogarem e realizar ações mais integrativas.

Antes de atuar nas casas de acolhimento, fizemos algumas reuniões e momentos de formação para poder aprender a lidar com situações e o contexto ao qual iríamos ser inseridos. Se falava muito sobre as mediações pedagógicas, que é o acompanhamento individualizado que realizamos, visando ajudar na superação das dificuldades de conteúdos escolares.

O sentimento foi de receio, pensando “tá, mas em que momento a música vai entrar aqui?”. Então, a tutora falou da possibilidade de realizar oficinas de música, e aquilo me despertou muito interesse.

As oficinas foram ações de extensão que o projeto já havia realizado outras vezes, mas sempre seguindo a área de conhecimento do bolsista.

Essas oficinas aconteceram com abordagem de temáticas diversificadas. Na minha vida, tive experiências ministrando aulas de música e já realizei algumas oficinas. Esse parecia o momento certo para pôr em prática o que aprendi com essas vivências renovando e fundamentando as práticas a partir do que aprendia na licenciatura e na minha trajetória acadêmica.

Inicialmente nas ações de extensão do PET, minha função estava sendo realizar as oficinas de música, onde a tutora me deu liberdade para pensar em qual temática iria abordar, prontamente pensei em algo que envolvesse percussão por ser minha especialidade.

No decorrer da trajetória musical, conheci Jairo “Rasta”, que inclusive foi por ele que soube da seleção para o curso sequencial em música popular da UFPB, o qual não conhecia.

Jairo era maestro da banda percussiva “Bati Cum Lata”, que é um projeto musical de trabalhadores da autarquia res-

ponsável pela limpeza urbana da cidade de João Pessoa. A banda usava materiais recicláveis para fazer instrumentos de percussão, realizando atividades práticas em conjunto e apresentações para a comunidade.

Assim surge a proposta de fazer uma orquestra percussiva com materiais alternativos, tendo o “Bati Cum Lata” como minha maior inspiração para planejar as atividades que desenvolvi com as crianças e adolescentes nas casas de acolhimento.

O uso de materiais recicláveis para utilizar como instrumentos não era apenas por inspiração no “As conexões de saberes antes do PET”, mas também pela necessidade de adequar a realidade das casas de acolhimento que não tinha nenhum tipo de instrumento ou material musical que pudesse utilizar como recurso para as oficinas, e é algo fora da nossa realidade.

Sendo assim, consegui instrumentos reais de percussão suficientes para montar uma banda. De materiais conseguimos baldes, baquetas e canos de PVC, comumente utilizados em serviços hidráulicos, e assim, aos poucos, fomos confeccionando nossos instrumentos.

**Imagem 31** – Material reciclável utilizado



**Fonte:** o autor, 2022.

O início da oficina foi marcante por ter sido onde estabeleci os primeiros vínculos com os acolhidos nas casas. Lembro claramente da minha primeira “turma”, e o trabalho que a gente desenvolvia em nossos encontros semanais.

Entretanto, mais do que as atividades, o que me marcou foi a interação com eles, as conversas, as brincadeiras. Essa primeira turma era muito participativa, sempre chegavam com ideias e sugestões do que queriam praticar.

É difícil não se envolver em trabalhos dessa natureza, e mais ainda ver crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, sabendo que aquela instituição não é o seu lar.

Uma coisa que aprendemos nas casas de acolhimento é a capacidade de se adequar o tempo todo.

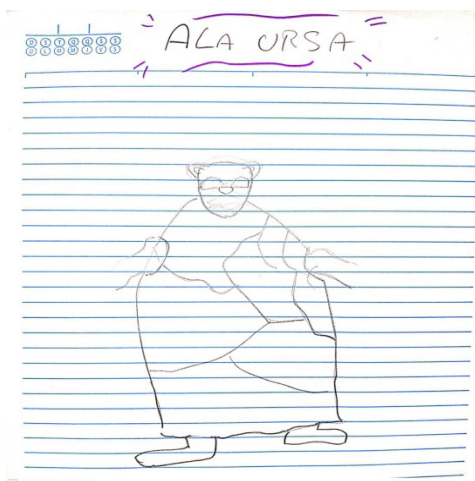
O planejamento nunca pode ser algo totalmente rígido, e sim, maleável, flexível, sem perder a essência.

Afirmo que a essência dessas oficinas era a participação e a prática em conjunto, seja de tocar, criar, planejar ou debater.

E assim fizemos, discutimos e elaboramos uma pequena apresentação em que ajudei mediando as ideias e incentivando a falarem suas opiniões. E então eles decidiram que queriam fazer uma mini ala ursa.

Ensaíamos uma pequena peça musical, aprendemos ritmos diferentes, mostrando a eles alguns toques característicos da ala ursa e até desenhamos a ideia da fantasia do urso. A seguir, temos o desenho de como eles pensaram a roupa do urso.

**Imagem 32** – Criação da Fantasia para a mini ala ursa



**Fonte:** O autor, 2022.

Talvez você que não saiba deve estar se perguntando “o que é ala ursa?”, então uma breve explicação. É uma manifestação cultural ligada ao carnaval, e é uma época do ano onde a movimentação dos grupos de ala ursa intensificam, mas também acontece em outros momentos durante o ano.

Ou seja, são grupos percussivos que saem tocando nas ruas acompanhando uma ou mais pessoas fantasiadas de algum animal, mesmo que a fantasia seja de outro animal as pessoas sempre vão se referir como “ala ursa” ou só “o urso”.

Essa pessoa fantasiada fica encarregada de puxar e animar a banda, então eles dançam, correm, pulam, fazem todo tipo de “presepada” como diria minha avó, e além disso, também pedem dinheiro quando saem às ruas.

Muita gente tem medo do urso, algumas fantasias assustavam as crianças, outros amam aquela agitação, por um momento é como se a gente esquecesse que tem uma pessoa de carne e osso por baixo daquela fantasia e começasse a mexer com o imaginário do lugar por onde vai passando.

A ala ursa é uma expressão cultural ligada a classes populares, por isso era muito comum ver o urso passar em bairros mais simples fora do período de carnaval.

Lembro do urso que passava onde eu morava, e quando visitava minha avó. Até hoje lembro dos ritmos que faziam em latas de tinta e o urso com a fantasia feita de saco de verdura.

Por fim, conseguimos criar nossa fantasia (Ver imagem 33)

**Imagem 33** – Fantasia para a mini ala ursa



**Fonte:** O autor, 2022

Eu sentia que estava revivendo algo da minha infância fazendo isso, realizando uma vontade não tinha coragem que era participar de uma ala ursa, sempre que passava, ficava fascinado pela energia e o som daquela percussão.

Foi muito gratificante passar esse conhecimento com uma experiência imersiva, não apenas reproduzindo os ritmos que as bandas da ala ursa fazem, mas incorporando toda a ideia e valorizando nossa cultura.

## **Concluindo**

É apenas um recorte de uma ação que acredito que resume como as experiências que nos atravessam durante nossa



trajetória refletem nas práticas como petiano dentro do projeto, seja no ensino, pesquisa ou extensão.

São tantas as vivências que o PET proporcionou, não apenas acadêmicas, mas experiências de vida, na troca de saberes entre o grupo, criando vínculos afetivos entre nós e pessoas de outros grupos de Educação Tutorial.

POSFÁCIO

ISABEL MARINHO DA COSTA

*Da Extensão que Acolhe, Pesquisa que Transforma e Ensino que Liberta*

(Bolsista Petiana Diana Clemente Silva)

O Programa “PET Conexão de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas”, é um Programa de Educação Tutorial – PET, do Ministério da Educação (MEC), cuja intencionalidade é oportunizar a discentes e docentes das Instituições Superiores do País, o desenvolvimento de ações extracurriculares, orientados pelo princípio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e extensão.

Na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no Centro de Educação – CE, o referido PET, desde 2010, vem se consolidando por meio de ações acadêmicas que elevam a qualificação técnica, tecnológica e científica dos graduandos, pautado na ética, cidadania e função social da Educação Superior.

No final de cada ano, o PET Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, através de seus bolsistas, tutora e colaboradores elaboram e apresentam suas produções acadêmicas, no formato de artigos científicos e livros, os percursos, as experiências vivenciadas e aprendizagens adquiridas. As 5 (cinco), edições das obras petianas mostram a amplitude social, as múltiplas aprendizagens, conhecimentos e oportunidades pessoais e profissionais dos envolvidos no processo.

Especialmente, a presente obra é a expressão exata do êxito, da riqueza e importância do PET Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil da UFPB, no CE. Cada etapa experienciada

pelos discentes e docentes são detalhadamente relatadas e em cada palavra, frases e parágrafos, os sentimentos, pensamentos e conhecimentos construídos durante o processo são revelados. A vida pessoal se entrelaça com a vida acadêmica e ambas se (re) constroem e se (re)fazem no processo, tornando os petianos capazes de contribuir significativamente para a transformação social, para uma sociedade justa e igualitária, em que os cidadãos se reconhecem pertencentes a ela.

É possível enxergar beleza na singeleza de cada palavra, de cada ação efetivada, de cada proposta organizada e executada. É possível ainda (re) afirmar a frase clássica de Paulo Freire de que “a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo”. E as mudanças estão expressas em cada relato apresentado.

A oportunidade de dialogar com diversas áreas de conhecimento, construir diálogos a partir das múltiplas temáticas trabalhadas no programa, ter um recurso financeiro para dedicar tempo para estudar, se conhecer e conhecer o outro, desenvolver afetos e afetar, refletir, discutir e compreender questões complexas que atravessam as crianças das Casas de acolhimento são algumas das experiências que os petianos vivenciam no programa.

Os petianos se integram em realidades sociais de vulnerabilidade e no contato com elas/es se encontram e reconhecem suas próprias vulnerabilidades. Questões étnico-raciais, a violência, rejeição, desigualdade social, falta de regulação emocional, o preconceito são alguns dos desafios complexos enfrentados pelos petianos; porém, no planejamento individual e coletivo, nas leituras com bases teóricas, no conhecimento e na compreensão didático-pedagógica das ações efetivadas, na elaboração de jogos pedagógicos, nas rodas de conversas, oficinas, nos encontros e (des)encontros consigo e com o outro, encon-

tram e reconhecem também a força para serem protagonistas do processo.

Da Extensão que Acolhe, Pesquisa que Transforma e Ensino que Liberta é assim que os bolsistas petianos descrevem essa incrível aventura pelo conhecimento e vivências, construídas ao longo de suas trajetórias no programa e no processo formativo inicial que se dão durante a graduação, seja em cursos de licenciatura ou bacharelado.

Por ser um PET interdisciplinar que aborda as ações de extensão, pesquisa e ensino, percebe-se o protagonismo desses sujeitos que também acolhem, transformam e libertam o cotidiano das crianças e adolescentes em acolhimento institucional quando assumem o compromisso de mediar e formar para a jornada da vida através da escolarização.

Certamente, ao ler esta obra o encantamento e desejo de conhecer e se integrar a ações como a do programa será nítida. A obra é capaz de nos desafiar, sensibilizar e convidar para assumir uma postura comprometida com as crianças e adolescentes das Casas de acolhimento, de contribuir para que oportunidades sociais sejam possíveis para elas, de educar não apenas para o desempenho, mas para sensibilidade, acolher, orientar e se envolver.

A obra desperta ainda a gratidão das aprendizagens adquiridas na leitura e no conhecimento de cada história relatada, do reconhecimento sobre a importância e necessidade de ampliar programas como este e de oportunizar o diálogo entre universidade e sociedade.

A publicação desta obra não apenas encerra as atividades desenvolvidas ao longo dos anos, mas inicia um novo percurso em que como sujeitos sociais, petianos e leitores são convidados a contribuir para uma educação em que o amor seja o princípio e o fim, a coragem que se move na relação e interação “eu e o outro”.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **Daniel Valério Martins**

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGNEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano.

E-mail para contato: [jjfadelino@hotmail.com](mailto:jjfadelino@hotmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

### **Maria da Conceição Gomes de Miranda**

Graduada em Pedagogia (2006), Mestrado em Educação (2008) e Doutorado em Educação (2012) pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Tutora do Programa de Educação Tutorial – Conexões de Saberes/Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, Professora colaboradora no Mestrado de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais.

E-mail para contato: [ceicapbmiranda@gmail.com](mailto:ceicapbmiranda@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3255658356923420>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8237-2945>

